

GOALPARSO AMBIENTAL CONVOGAO FINVIG



- Expediente **2**
- Palavra do Presidente **5**
- Editorial **4**
- Abrangência da AGERT **6**
- Participação **7**
- Evolução **8**
- Metodologia **9**
- Entrevista - CARLOS NOBRE **11**

- Entrevista - CARLA BRANCO **23**
- Entrevista - MARCEL FUKUYAMA **32**
- Entrevista - JOEL GOLDENFUM **39**
- Ações Institucionais **50**
- Ações Sociais **56**
- Emissoras Associadas **87**

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE
EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO
agert@agert.org.br
51 3212.2200

RELATÓRIO SOCIAL 2024

Coordenação-geral: Myrna Proença
 Produção-executiva: Camejo Comunicação
 Supervisão editorial e artística: Eliana Camejo
 Coordenação do projeto: Eliana Camejo
 Coleta de dados: Victor Santana
 Redação: Daniel Hirschmann
 Projeto Gráfico: Eduardo Fadrique
 Colaboração: Arthur Grubel, Leonardo Bandeira,
 Luciano Gazineu, Eduardo Leães, Karina Vieira
 e Diego Alves
 Fotos: Divulgação
 Colaboração especial: Wanderley Ruivo
 Vice presidente Financeiro da AGERT

INDICADORES



Chegamos à **20ª edição** deste **Relatório Social** em meio a um momento histórico, com traços trágicos, deixados pelo desastre climático que atingiu o **Rio Grande do Sul** no mês de maio.

No entanto, ainda que este desastre tenha causado tantas perdas humanas e materiais, também temos motivos, mais uma vez, para destacar os feitos de nossas associadas, seja em **2023** ou nas enchentes de **2024**.

Isso porque o compromisso com a solidariedade foi reforçado nesses eventos. Sem medir esforços, as **emissoras de rádio e TV** se dedicaram a levantar recursos e levar ajuda aos atingidos pela tragédia, não se limitando a suas próprias cidades, mas muitas vezes atravessando o estado para prestar solidariedade.

A **AGERT** se juntou a essa corrente, com uma campanha de arrecadação para a reconstrução do estado. Juntas, como

emissoras e entidade representativa, conseguimos mais uma vez cumprir o papel de **informar e servir ao povo gaúcho**.

Quando as águas barrentas inundaram nossas cidades e os moradores ficaram sem energia elétrica e internet, as emissoras de radiodifusão alcançaram as vítimas da tragédia, mantendo a população atualizada com informações necessárias à sobrevivência.

Não seria um exagero dizer que a radiodifusão ajudou a salvar vidas.

Passada essa fase mais dura da tragédia, há um novo **Rio Grande do Sul** a ser construído. Nesse processo, o tema **ESG** tem de ser levado em consideração, a fim de evitar novas tragédias climáticas e ambientais.

Cabe às **emissoras de rádio e TV** o papel fundamental de ajudar a educar e conscientizar ouvintes e telespectadores sobre a necessidade de vivermos esta nova realidade, com

bases científicas de **sustentabilidade nas áreas ambiental, social e de governança corporativa**.

A **AGERT** vem cumprindo sua função. Este **Relatório Social**, que foi uma pequena semente no início dos anos **2000**, já está consolidado como um instrumento de comunicação e integração das associadas.

Nos próximos anos, novas sementes podem ser lançadas e estaremos juntos, como Associação e emissoras filiadas, reconstruindo e desenvolvendo nosso Rio Grande do Sul, firmes no compromisso de levar solidariedade, com sustentabilidade, aos moradores de todas as cidades de nosso estado.



Roberto Cervo Melão

Presidente da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert)



MUDAR COMPORTAMENTOS

O ano de **2024** ficará marcado na história do **Rio Grande do Sul**. Foi o ano em que vivenciamos uma **tragédia humana e climática de proporções gigantescas**, que até agora nos deixa entristecidos.

Sofremos por aqueles que perdemos. Sofremos, também, pelas perdas dos que ficaram. Mas temos de passar da dor e da tristeza para a indignação, e daí à luta.

Uma luta para resgatar a esperança e reconstruir a vida. Reconstruir um estado. O nosso estado do Rio Grande do Sul!

O Relatório Social da AGERT 2024 faz parte desta luta.

TOD

RRRRAAAL

Com o título “**Colapso Ambiental: Convocação Cívica**”, o Relatório aborda o tema do **ESG** e o impacto humano do risco climático.

Apresentamos o problema do colapso do clima, no contexto de toda a tragédia que atingiu o **Rio Grande do Sul**, e como é possível adotar novos os rumos em relação às mudanças climáticas e aos seus impactos sobre as cidades e a sociedade.

É um tema que tem de ser discutido com bases científica e de negócios, mas também com uma visão sobre a convivência, o despreparo e a responsabilidade da sociedade, dos agentes econômicos e das autoridades.

Por isso a **AGERT** faz um chamamento aos colegas radiodifusores. Após o momento mais crítico, **há urgência de mudanças**. É preciso avaliar os acontecimentos e agir para que tragédias como essa não se repitam.

RELATÓRIO

As fontes ouvidas neste **Relatório Social** trazem pontos de vista e conhecimentos importantes, como representantes da ciência, da academia e do meio corporativo, abordando questões climáticas, de meio ambiente, de governança e sociais.

Todos apontam a importância da radiodifusão para conscientizar a população e transmitir conceitos de forma clara e transparente, **contribuindo na reconstrução do Rio Grande do Sul e alertando sobre uma nova realidade que se impõe e não pode mais ser ignorada.**

Uma boa leitura a todos!



Myrna Proença

Vice-Presidente de Capacitação
Coordenadora do Relatório Social

O RELATÓRIO SOCIAL AGERT 2024

Chegamos à edição **2024** (ano-base **2023**) engajados no processo de recuperação de valores positivos, multiplicando e repercutindo os exemplos das boas práticas.

O Relatório Social da **AGERT** é um trabalho de fôlego, que se iniciou de forma pioneira no país em **2004**, com **103** emissoras participantes, estimulando ações de responsabilidade social junto às suas audiências.

ABRANGÊNCIA



299

Emissoras Associadas sendo
elas 21 TVs, 213 FMs e 65 AMs

ABRANGÊNCIA DA AGERT NO ESTADO

REGIÃO 1 - 54 Emissoras
REGIÃO 2 - 57 Emissoras
REGIÃO 3 - 43 Emissoras
REGIÃO 4 - 20 Emissoras
REGIÃO 5 - 19 Emissoras
REGIÃO 6 - 26 Emissoras
REGIÃO 7 - 41 Emissoras
REGIÃO 8 - 12 Emissoras
REGIÃO 9 - 27 Emissoras

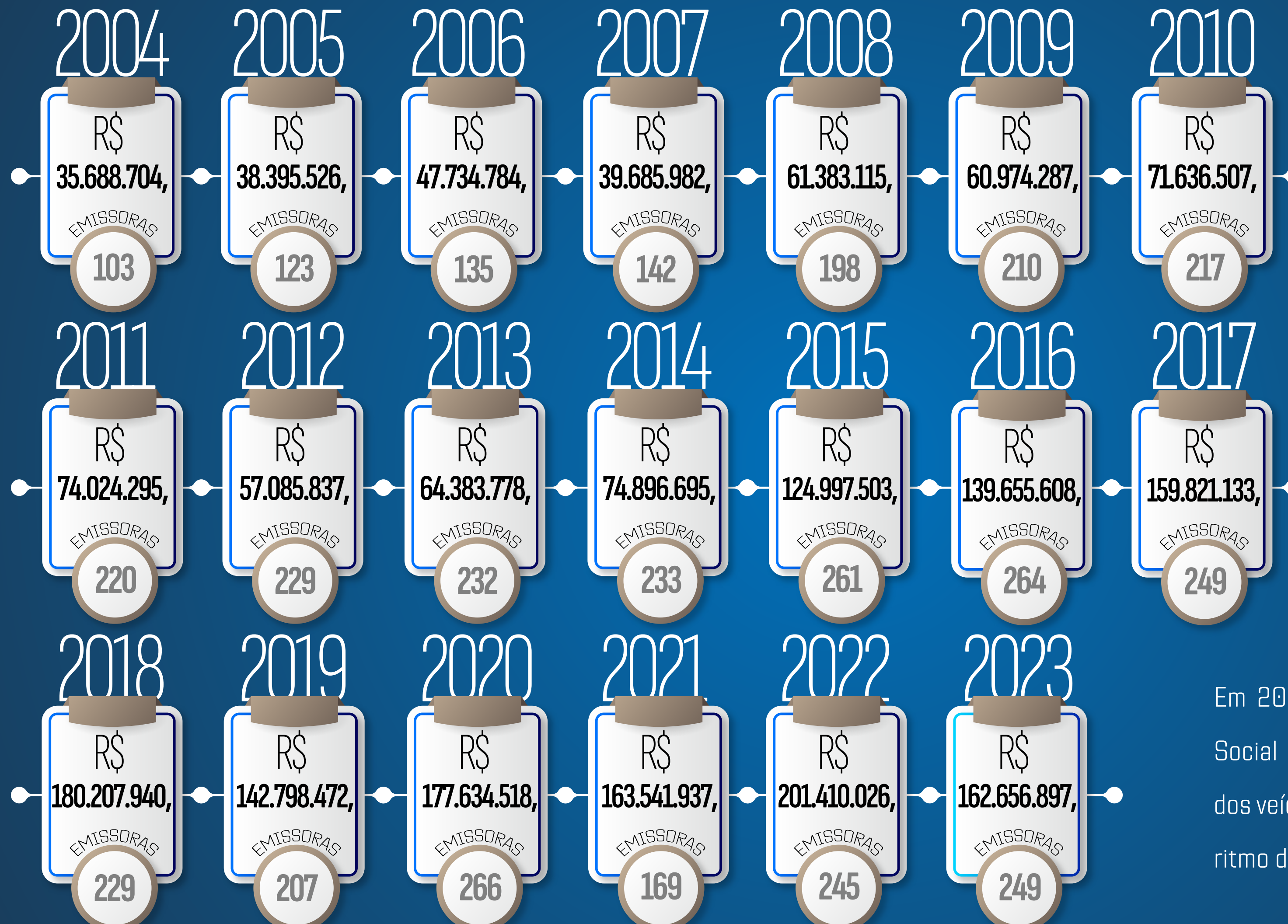
RELATÓRIO

249 EMIS
SORAS

VALOR DAS DOAÇÕES EM MÍDIA EM **2023:**
R\$ 162.656.897,89

O Relatório Social da Agert registra o investimento das emissoras de rádio e TV gaúchas em mídia doada para ações de cunho social. Os resultados demonstram a capacidade de mobilização do setor nas suas comunidades, potencializando campanhas de toda ordem: saúde, vacinação, doação de agasalhos, doação de sangue, combate à violência doméstica e feminicídio, combate à violência no trânsito e combate às drogas, entre outros temas.





EVOLUÇÃO DO RELATÓRIO SOCIAL

Em 2004, a AGERT criou o primeiro Relatório Social para destacar a importância das ações dos veículos de comunicação, que se perdiam no ritmo das notícias.

INDICADORES

A metodologia empregada no Relatório Social da AGERT segue os indicadores do Instituto Ethos, organização sem fins lucrativos que é referência nacional em Responsabilidade Social Empresarial, trazendo as seguintes temáticas:

- Comunidade
- Clientes
- Governo e Sociedade
- Meio Ambiente
- Valores e Transparência
- Público Interno.

COMUNIDADE
Reúne ações realizadas pelas emissoras valorizadas para a comunidade.

GOVERNO E SOCIEDADE
Iniciativas que demonstraram a transparência das relações com setores do poder público em parcerias firmadas entre emissoras e governo.

MEIO AMBIENTE
Ações, iniciativas, campanhas e mobilizações realizadas pelas emissoras em favor da preservação ambiental.

CLIENTES
Mobilizações nas quais o foco principal seja o cliente [ouvintes e telespectadores] e ações realizadas pelos associados em prol da comunidade.

VALORES E TRANSPARÊNCIA
Ações que apresentam os valores e princípios éticos das emissoras, orientando sua conduta e fundamentando sua missão social.

PÚBLICO INTERNO
Iniciativas que reflitam o investimento das emissoras na formação de seus colaboradores, tanto no nível social quanto profissional



UNIVERSIDADE


RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024

**“MEIOS DE
RADIODIFUSÃO
PRECISAM EDUCAR
E ALERTAR SOBRE
RISCOS CLIMÁTICOS”**

Carlos Nobre

MEIOS DE RADIODIFUSÃO PRECISAM EDUCAR E ALERTAR SOBRE RISCOS CLIMÁTICOS

O **Relatório Social da AGERT** chega à sua 20ª edição, em 2024, marcando história. Desde seu início pioneiro, em 2004, este Relatório registra inúmeras ações de mídia social que as associadas da **AGERT** entregam à sociedade. O que nasceu como um projeto se transformou em uma experiência de engajamento social, com dimensão extraordinária.

Agora, no ano em que o **Rio Grande do Sul** viveu uma tragédia de dimensões extraordinárias, mais uma vez as emissoras de rádio e televisão demonstraram seu engajamento social, não apenas nas coberturas jornalísticas de altíssima qualidade, mas ajudando vítimas e desabrigados e, inclusive, salvando vidas com suas transmissões.

O trabalho, porém, não para por aí. O climatologista **Carlos Nobre**, pesquisador brasileiro escolhido como um dos Guardiões Planetários, alerta que eventos extremos como os que atingiram o

Rio Grande do Sul tendem a ser cada vez mais frequentes devido às mudanças climáticas e ao aquecimento global.

Em entrevista para o **Relatório Social 2024 da AGERT**, este cientista reconhecido internacionalmente destacou a necessidade de adaptações e de mudanças culturais e de educação, com um papel fundamental a ser cumprido pelos meios de comunicação.

Confira os principais trechos da entrevista:

GOVERNOS DEVEM OUVIR A CIÊNCIA

O governo do Rio Grande do Sul criou um comitê (Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática) que a gente nunca criou em nenhum lugar do Brasil. Eu nunca vi um comitê com tantos bons cientistas.

Agora nós precisamos torcer muito que o governo do Rio Grande do Sul, o governo federal e todos os governos municipais prestem muita atenção no que a ciência vai dizer.

Como se proteger, como aumentar muito a resiliência de todas as populações gaúchas. Como melhorar muito os sistemas de previsão, porque hoje a previsão meteorológica de eventos extremos é muito boa,



mas precisa fazer essa previsão se transformar em alerta. **Uma coisa é previsão, outra coisa é: as populações estão preparadas?**

Nós temos que capacitar desde as crianças na sua formação educacional para as crianças, os jovens, os adolescentes já serem educados para saber o que fazer nessa questão.

Um dos melhores exemplos do mundo é o Japão. Todas as crianças são educadas para saber exatamente o que fazer quando tem um alerta de terremoto.

Esse é um detalhe que nós temos discutido, principalmente para as escolas em áreas de risco ou próximas a áreas de risco, para as crianças serem educadas para se protegerem desses eventos.

“EM LUGARES AFETADOS POR FURACÕES, AS POPULAÇÕES ESTÃO PREPARADAS, SÃO OBRIGADAS A SAIR, O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO TODO PASSA A ALERTAR.”

No Japão todo lugar tem sirenes. Hoje as pessoas também são comunicadas no celular. Quando tem um furacão que vai atingir os Estados Unidos, todo o sistema de comunicação, até as televisões comerciais, passam a transmitir só o que tem que ser feito. No Brasil, nós temos que fazer o sistema de comunicação estar muito

preparado para isso, e capacitar, educar as pessoas para que, quando tiver esses alertas de chuvas intensas, elas têm que ir para lugares seguros.

TRAGÉDIA NO RS ESTÁ LIGADA A MUDANÇAS CLIMÁTICAS

As mudanças climáticas vêm acontecendo já há muitos anos. O planeta vem aquecendo bastante desde o final da década de **70**. Então, já são quase **50 anos** que o planeta vem aquecendo e atingiu os recordes de temperatura em **2023** e **2024**.

Previa-se que a temperatura global ia atingir na faixa de **1,3 grau** [acima da temperatura antes do aquecimento global], porque nós tínhamos previsto um fenômeno El Niño, que existe há milhões e milhões de anos.

O Atlântico Norte bateu o recorde [de temperatura]; o Atlântico Sul, em toda a costa do Brasil, bateu o recorde. Isso explica um pouco fenômenos meteorológicos – como aquele que aconteceu no rio Taquari, no ano passado, e esse que aconteceu em **85%** do Rio Grande do Sul, em maio e junho.

Por que bateram recorde de chuvas? O de setembro do ano passado foi a relação direta entre o fenômeno El Niño e chuvas fortes no Sul do Brasil. E agora o El Niño já estava bem fraquinho, em maio.



Então, não teve diretamente a ver com o El Niño, como o de setembro, mas é um fenômeno meteorológico bem comum porque, às vezes, um sistema de alta pressão atmosférica fica parado no Centro Oeste e no Sudeste.

É um sistema de alta pressão que a gente chama **“dolo de calor”**. É uma onda de calor que fica estacionada. Aí ela bloqueia a frente fria e chove no Sul. Isso é super comum, só que desta vez esse sistema bloqueou por muitas semanas, começando lá no último dia de abril e nos primeiros dias de maio.

Esse foi um sistema que trouxe muita chuva. O oceano Atlântico estava batendo recordes de temperatura perto da costa do Brasil. Aí tem muito mais evaporação. Quando esse vapor d'água é transportado para essas regiões, aquele sistema muito comum na meteorologia do Sul do Brasil, chamado ciclone extratropical, se forma.

Só que, em outubro do ano passado, foram ciclones muito fortes que alimentaram a chuva na bacia do rio Taquari e, com o Oceano Atlântico muito quente, teve muito mais evaporação. O oceano empurra um monte de vapor d'água para dentro e faz muita chuva.

“UMA PARTE GRANDE DO PLANETA FICARÁ INABITÁVEL, SE A TEMPERATURA AUMENTAR QUATRO GRAUS.”

A temperatura já atingiu esse limite. Por que isso é importante falar? Porque todos os países do mundo, desde a **COP 21**, em Paris, em 2015, falavam que **“não podemos deixar a temperatura passar de um grau e meio”**.

A ciência já mostrava todo o risco. Se a temperatura chegar dois, dois e meio, três, quatro, é impossível. Uma parte grande do planeta ficará inabitável, se a temperatura aumentar quatro graus.

Então, os países todos assinaram suas metas de reduzir as emissões dos gases de efeito estufa **(NDC, sigla para Contribuição Nacionalmente Determinada)**. Só que essas metas fariam o planeta chegar a **2,5 graus** em **2050**.

E aí começou a se falar muito que, se não reduzisse logo as emissões, nós atingiríamos **1,5 grau** lá por **2033**. Depois se falou que podia atingir até **2030**.

Isso foi falado pela ciência em **2021, 2022**, e a ciência não conseguiu perceber que atingiríamos **1,5** em **2023**. E agora, nos últimos **12 meses**, de junho do ano passado a maio deste ano, **1,6 grau**.



ONDAS DE CALOR SÃO PRINCIPAL CAUSA DE MORTES

“AINDA NÃO SE SABE SE ESSE LA NIÑA VAI SER FORTE. SE FOR, RIO GRANDE DO SUL SE PREPARE PARA A SECA.”

Então, quando o planeta chega a **1,5** grau, os fenômenos extremos acontecem. E é bom destacar: o que mais leva à morte humana é onda de calor, mas não é só humana. Leva à morte de muitas e muitas espécies de animais e até de plantas.

E chama a atenção que esses eventos não têm mais volta. Este ano, o La Niña vai começar no segundo semestre e ainda não se sabe se esse La Niña vai ser forte. Se for forte, Rio Grande do Sul se prepare para a seca.

De qualquer modo, a temperatura não cai muito. Ela pode cair um pouquinho abaixo de **1,5** grau, mas hoje já se fala que a temperatura permanentemente vai atingir **1,5** grau bem antes de **2030**.

Isso traz uma enorme preocupação mundial, e aí vêm dois grandes desafios. Primeiro, com **1,5**, olha como os fenômenos extremos já explodiram no mundo inteiro. O Rio Grande do Sul é um bom exemplo.

Esses fenômenos vão acontecer agora com muito mais frequência do que aconteciam antes.

“NO BRASIL, TAMBÉM, O QUE LEVA AO MAIOR NÚMERO DE MORTOS SÃO ESSAS ONDAS DE CALOR.”

A pergunta que vem é: estamos preparados? Não, não estamos. De fato, nós estamos muito despreparados.

A maioria dos países colocou metas de redução das emissões, mas pouquíssimos colocaram metas de aumentar a resiliência das suas populações a esses eventos extremos – que estavam sendo projetados para acontecer no futuro, daqui a **10 anos**.

E no Brasil, praticamente nada. No Brasil, também, o que leva ao maior número de mortos são essas ondas de calor.

Só que em ondas de calor, diferente do que aconteceu no Rio Grande do Sul, não é a morte por deslizamento, por caírem as habitações, por afogamento. É no hospital.

As pessoas ficam doentes, vão para o hospital e morrem, principalmente idosos. Então, não tem essa visibilidade, quando a morte acontece, como dessas do Rio Grande do Sul.



BRASIL NÃO ESTÁ PREPARADO PARA EVENTOS EXTREMOS

“EM NOVO ESTUDO, VAI PASSAR DE 4 MILHÕES DE PESSOAS EM ÁREAS DE ALTÍSSIMO RISCO, CERTAMENTE ALGUMAS CENTENAS DE MILHARES AÍ NO RIO GRANDE DO SUL.”

E aí a pergunta: **o Brasil está adaptado para eventos dessa natureza, como chuvas excessivas, chuvas intensivas?** Não, o Brasil não está adaptado.

Quantos municípios brasileiros têm políticas de retirar as pessoas das áreas de altíssimo risco? Quase zero, quase zero.

Por exemplo, o estudo do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) de **2018**, em **825** municípios e só **61** dos três estados do Sul.

Aquele estudo já mostrou **735** cinco mil pessoas nos três estados do Sul que viviam em áreas de alto risco de deslizamento e inundações. Agora, é só ver o número do Rio Grande do Sul, em maio e junho, esse número é muito, muito, muito maior.

O Cemaden está refazendo esse estudo. Já está para quase **2 mil** municípios e vai pegar esses mais de **400** municípios no Rio Grande do Sul que foram vítimas desse desastre de chuvas excessivas.

O estudo original mostrou **8 milhões** de brasileiros em áreas de risco e **2 milhões** em áreas de alto risco. Nesse novo estudo, vai passar de **4 milhões** em áreas de altíssimo risco, certamente algumas centenas de milhares aí no Rio Grande do Sul, e várias dessas pessoas foram expulsas das suas habitações, das suas residências, etc.

A pergunta é: **existem políticas de adaptação?** Quase nada. Então, o Rio Grande do Sul teria um papel muito importante de ser um dos estados a liderar.

FENÔMENOS METEOROLÓGICOS SÃO MAIS INTENSOS DO QUE EM 1941

Fenômenos meteorológicos que nunca ocorreram, que só estão acontecendo agora, são muito raros, menos de **5%**. O que a mudança climática faz é uma coisa muito óbvia: planeta mais quente tem muito mais evaporação de água dos oceanos.





Como a temperatura dos oceanos está mais quente, os El Niños estão ficando mais fortes. O El Niño mais forte induziu o que aconteceu em setembro na bacia do rio Taquari.

O El Niño mais forte vai implicar uma indução. É porque, em cima do Rio Grande do Sul e no Centro-Leste da Argentina, Uruguai e Paraguai, passa um jato que a gente chama “**jato subtropical**”.

“NUNCA SE MEDIU TANTA CHUVA NO RIO GRANDE DO SUL.”

Quando há um El Niño, ele faz esse jato ficar mais forte em cima do Sul, e esse jato mais forte é que induz as chuvas muito fortes. Ele cria um movimento em que o ar sobe e carrega umidade, forma mais nuvens e chove.

É um fenômeno que sempre existiu. **Mas por que bateu o recorde?** Porque o El Niño está mais forte, porque tem mais umidade na atmosfera. Então, não tem que simplesmente negacionista falar “**não, mas aconteceu um fenômeno desses em 1941**”.

Lógico, esses fenômenos existem há milhões de anos, só que agora, com o planeta mais quente, os fenômenos meteorológicos acontecem com mais intensidade.

Nunca se mediu tanta chuva no Rio Grande do Sul; nunca a temperatura lá na cidade de Meca, na Arábia Saudita, atingiu **51,8 graus**; nunca teve a seca que teve na Amazônia este ano.

Os recordes estão sendo batidos e a frequência desses extremos está aumentando. Isso é aquecimento global de nossa responsabilidade.

URBANIZAÇÃO NA BEIRA DE RIOS NÃO PODE CONTINUAR

Esse tipo de ocupação já é um equívoco de uso da terra de milhares de anos. Quando nós começamos a urbanizar o planeta, se tornou muito comum construir cidades na beira de rios, de lagos e dos oceanos, porque um dos principais mecanismos de transporte por milhares de anos são os barcos.

Isso tudo foi sendo desenvolvido e, depois, na hora que se expandiram muito a agricultura e a pecuária, sempre se expandiu essa pecuária para áreas de risco, como também as áreas na beira dos rios.

“NÓS VAMOS TER QUE TER OUTRA VISÃO, NÃO PODE SER MAIS A VISÃO DE MILHARES DE ANOS DAS CIVILIZAÇÕES E DA URBANIZAÇÃO. TEM QUE TIRAR AS PESSOAS.”

Hoje em dia, não tem mais justificativa de se ter muitas populações ou mesmo agricultura e pecuária na margem dos rios, porque os rios vão inundar com uma frequência muito grande. E quando você tira a vegetação natural – o Rio Grande do Sul é o estado com menor quantidade de Mata Atlântica; só **7%** da Mata Atlântica permanece no Rio Grande do Sul –, você tira toda a mata ciliar.

A mata ciliar evoluiu em milhões e milhões de anos, e sempre foi algo que segurava a água, segurava o solo, não deixava erosão do solo. Aquilo sempre diminuiu a vazão.

Agora, com as mudanças climáticas, nós vamos ter que ter uma outra visão, não pode ser mais a visão de milhares de anos das civilizações e da urbanização. Não pode. Tem que tirar as pessoas.

ADAPTAÇÃO É DESAFIO PARA O RIO GRANDE DO SUL

“As políticas de adaptação do RS não podem deixar essas populações reconstruírem suas casas nessas áreas de altíssimo risco.”

Tem que voltar a entender que não podemos ocupar essas áreas de risco que, pra chuvas excessivas, são beira de rio, margem dos oceanos,

as costas e, também, as encostas. Tem a Serra Gaúcha, com muitas e muitas populações vivendo em áreas de risco de encostas.

É uma política de adaptação. E, para o Rio Grande do Sul, é um enorme desafio. **Centenas de milhares de pessoas desabrigadas, e aí, o que vai acontecer?**

As políticas de adaptação do Rio Grande do Sul não podem deixar essas populações reconstruírem suas casas nessas áreas de altíssimo risco, beira desses rios todos que inundaram, e também nas encostas, em áreas de alto risco.

Adaptação é não deixar as populações voltarem para áreas de altíssimo risco. Aí o Rio Grande do Sul vai mapear todas essas áreas e tem que mudar toda uma infraestrutura.

Centenas de milhares de pessoas vão ter que mudar de local, vão ter que mudar toda a infraestrutura. São grandes desafios, mas isso tem que ser buscado, porque não tem mais volta.

“ESPONJA URBANA É UMA INICIATIVA MUITO BOA, MUITOS PAÍSES FAZEM. MAS, NO BRASIL, PRATICAMENTE ZERO CIDADES FAZEM.”



O outro ponto é a chamada solução verde, a arborização verde e, também, principalmente a arborização urbana. O país do mundo que mais faz arborização urbana é a China, que restaurou a vegetação urbana.

Isso se chama esponja urbana. Você restaura a vegetação, restaura as árvores e aí, quando chove muito, aquele solo absorve a água, não deixa haver erosão, não deixa aquela lama – como aconteceu no Rio Grande do Sul, onde os rios ficaram até muito mais rasos por causa daquela erosão da lama que foi levada para os rios.

Esponja urbana é uma iniciativa muito boa, muitos países fazem. Mas, no Brasil, praticamente zero cidades fazem.

Se você faz a esponja urbana, você tem vários benefícios: retém a água no solo, evita erosão, diminui a temperatura. Melhora muito a condição de ondas de calor. Nas áreas urbanas, remove de **20%** a **30%** de poluentes, porque tem muita poluição em área urbana.

COMUNIDADES TÊM DE FAZER RESTAURAÇÃO FLORESTAL

Tem dois aspectos importantes que as comunidades têm que fazer. O

primeiro deles é, politicamente, forçar os governos municipais, estaduais e federal a investir em aumentar muito a resiliência. No Rio Grande do Sul, mais de **80%** dos investimentos vão ter que ser públicos. Tem que pressionar muito os políticos para que eles entendam isso.

E ali, nas comunidades, seria muito bom que esse assunto de proteção contra eventos extremos começasse a ser algo de grande conhecimento e preocupação das comunidades.

E também a restauração florestal. Era muito importante que todas essas comunidades comessem a fazer uma restauração florestal de grande escala nas suas comunidades.

“ESTE É OUTRO DESAFIO PARA AS COMUNIDADES: NÃO VOLTEM PARA ÁREAS DE RISCO. E AÍ TEM QUE TER UMA PRESSÃO POLÍTICA MUITO GRANDE.”

Se a gente vê todos aqueles eventos na região serrana do Rio, quase todo mundo que perdeu a casa em deslizamento, etc, voltou para o mesmo lugar, voltou para a área de risco. Pouquíssimas pessoas, menos de **12%** das populações que foram afetadas por aqueles desastres saíram, foram para lugares seguros.



Este é outro desafio para as comunidades: não voltem para áreas de risco. E aí tem que ter uma pressão política muito grande.

Precisa ter muito investimento de recursos públicos. As comunidades precisam liderar. Se elas liderarem, isso acontece e acontece num prazo muito menor. Se elas não liderarem, se elas só esperarem políticas da prefeitura, do governo do estado, do governo federal, aí esse processo é lento.

SECAS SÃO MAIS INTENSAS E HÁ RISCO DE APAGÕES

O Brasil, em **2020** e **2021**, teve essas secas nas regiões de grandes centrais hidrelétricas como o Centro-Oeste, parte do Sudeste e no Sul, e houve um enorme risco [de apagões de energia elétrica].

Foi um ano em que se comprou uma grande parte de energia de termoelétricas a gás natural, etc – aí no Rio Grande do Sul até a carvão, que é muito ruim pela poluição, gás de efeito estufa.

Então, as secas estão se tornando mais intensas, mais rigorosas, como esse recorde na Amazônia, grande seca no Cerrado, no Pantanal. Então é importante ter uma preparação muito grande.

“NÃO PODE DEIXAR A QUALIDADE DA ÁGUA DOS RIOS, DOS LAGOS, SER TÃO RUIM QUE NÃO POSSA SER UTILIZADA.”

Na maioria das cidades, é muito importante ter **100%** de saneamento. Não pode deixar a qualidade da água dos rios, dos lagos, ser tão ruim que não possa ser utilizada para abastecimento humano.

E toda a agricultura – o Rio Grande do Sul é um estado muito importante na agricultura – pode praticar a chamada agricultura regenerativa. Essa agricultura regenerativa é mais resiliente para secas e até mesmo para chuvas intensas como essa, para ondas de calor. Ela mantém mais água no solo.

E na questão da energia, o Rio Grande do Sul tem um grande potencial de energia eólica, e o Brasil é um dos países que tem o maior potencial de energia solar e energia eólica.

RESSACA NO RS PODERÁ CHEGAR A MAIS DE 5 METROS

A Nasa tem razão. O nível do mar pode subir muitos metros, na escala de **100** a **200** anos, se o oceano continuar a aquecer. O degelo lá da

Groenlândia, da Antártica, está acelerando demais e as ressacas estão ficando muito mais fortes.

As simulações mostram ressacas no Rio Grande do Sul em que a ressaca chega a dois, cinco e até mais metros. Então, as zonas costeiras aí parecem a margem do rio Taquari. Você vai ter que olhar onde as populações estão.

“NO BRASIL, MILHÕES DE PESSOAS TERÃO QUE DEIXAR AS SUAS RESIDÊNCIAS EM ZONAS COSTEIRAS.”

O nível do mar vai subir. As ressacas estão muito mais fortes. É muito importante manter os manguezais, que eles absorvem muito carbono, mas mais do que isso, eles diminuem muito a força das ressacas.

Então, zonas costeiras vão ter que ter o mesmo cuidado que nós temos que ter com a margem dos rios, com as zonas de encostas aí do Rio Grande do Sul. Tem que começar a ter planejamento, porque muitas populações vão ser afetadas na escala de poucas décadas.

Eu diria que, no Brasil, milhões de pessoas terão que deixar as suas residências em zonas costeiras, e um monte de atividades econômicas, também. Então, esse é mais um exemplo de adaptação em que nós precisamos avançar muito.



BRANCO



Carla Branco

**“RECONSTRUÇÃO DO RS
É OPORTUNIDADE PARA
ADOTAR CULTURA ESG”**


RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024

RECONSTRUÇÃO DO RS É OPORTUNIDADE PARA ADOTAR CULTURA ESG

O processo de reconstrução do Rio Grande do Sul após o desastre climático do último mês de maio é uma oportunidade para o estado recomeçar **“quase do zero”** e adotar novos conceitos, tanto no aspecto ambiental quanto corporativo e social.

Segundo a professora Carla Branco, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), agora é hora de se cercar de especialistas como engenheiros e cientistas que entendem de clima, de contenção e de outros aspectos materiais e de infraestrutura.

Para o **Relatório Social 2024 da AGERT**, Carla Branco destaca que os meios de comunicação e radiodifusão têm um papel preponderante na transformação para um novo mundo, porque permitem ao público o acesso a informações com transparência e qualidade, ajudando no processo de conscientização e educação.

Confira pontos da entrevista:

RECONSTRUÇÃO EXIGE HUMILDADE E UNIÃO

Eu acho que é uma super oportunidade. É uma oportunidade, principalmente, de você começar meio que do zero.

É claro que vocês não estão totalmente no zero, mas pensar assim: **“Caramba, a gente precisou perder tanta coisa!”** É um exercício de humildade.

E aí, nesse sentido, acho que tem que se cercar de especialistas do ponto de vista material – os engenheiros, cientistas que entendem de clima, de contenção.

Ouvir, contar com conselhos, com comitês que deem suporte aos seus conselhos empresariais. Pessoas que entendam de sustentabilidade, que entendam de governança, pessoas que entendam de aspectos ambientais.

De como fazer com que a sua cadeia de fornecedores, o seu ecossistema – onde você atua corporativamente ou institucionalmente – esteja rodando direitinho, para que não haja uma pecinha fora que possa colocar todo o resto a perder.

“É UM MOMENTO DE UNIÃO, FALTA DE EGO, REDUÇÃO DA VAIDADE E ENTENDER QUE NÃO DÁ PARA TER TUDO NA VIDA.”



Eu acho que é um momento de muita união, de se unir pessoas que entendem desses assuntos, mas também os três setores mais importantes na sociedade, que são o poder público, as empresas – a iniciativa privada – e o terceiro setor, que conta com um monte de organizações sem fins lucrativos que entendem de muitos assuntos relacionados ao que acaba provocando essa grande tragédia no Rio Grande do Sul.

É um momento de união, falta de ego, redução da vaidade e entender que não dá para ter tudo na vida. Tem que perder um dinheiro, tem que perder um tempo para ter chance de a gente ter sustentabilidade para gerações futuras.

RADIODIFUSÃO TRAZ TRANSPARÊNCIA E QUALIDADE DE INFORMAÇÃO

Quando a gente fala de veículos de imprensa, quando a gente fala da mídia, eu acho que a gente hoje vive o melhor dos mundos com relação a acesso à informação, justamente por conta do que a gente tem de tecnologia da informação, internet, da instantaneidade com que, acontece um negócio lá no Japão, a gente fica sabendo na hora.

Antigamente, as coisas não eram assim. Hoje, a imprensa tem um papel preponderante para a gente ter transparência. E, quando a gente fala de transparência, a gente está falando de algo que está diretamente relacionado a um dos pilares de **ESG**, que é o de Governança.

A gente precisa prestar contas à sociedade do que as empresas fazem, o que os governos fazem, e para isso a gente precisa de transparência na informação e informação de qualidade.

“TEM QUE TER GENTE PREPARADA, PROFISSIONAL, APURANDO INFORMAÇÃO, VERIFICANDO A VERACIDADE, CHECANDO SE AQUILO ALI NÃO É FAKE NEWS, SE TEM EVIDÊNCIA, SE NÃO FOI UMA COISA TIRADA DA CABEÇA DE ALGUÉM.”

Hoje, nós contamos com as pessoas, com os seus celulares e com os influenciadores na internet. A gente conta com um monte de gente disponibilizando informação, mas não necessariamente essa informação é de qualidade.

Então, tem que ter gente preparada, profissional, apurando informação, verificando a veracidade, checando se aquilo ali não é fake news, se tem evidência, se não foi uma coisa tirada da cabeça de alguém.

Quando a gente fala de desastres, como aconteceu aí no Sul, tem muito aspecto científico relacionado. As pessoas não podem tirar as coisas simplesmente da cabeça e dizer que aconteceu **“por causa disso”**.

Tem que ter uma apuração que vá ouvir cientista, que vá ouvir especialista e que não sejam simplesmente influenciadores em busca de likes nas redes sociais.

Tem influenciador que é cientista, que é especialista? Tem. Tem gente séria que é influenciadora? Tem, mas nem tudo.

POPULAÇÃO PRECISA SABER A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA

“O PAPEL DA IMPRENSA É BUSCAR DE FATO ESSA NEUTRALIDADE, GARANTIR ESSA ISENÇÃO, PARA FAZER COM QUE AS PESSOAS FORMEM OPINIÃO E TENHAM A OPORTUNIDADE DE SE INFORMAR.”

Eu acho que tem que, também, ter um trabalho importante de conscientizar a população da importância da imprensa, porque hoje eu vejo muita gente jogando contra a imprensa, dizendo que a imprensa adota lado.

E é óbvio que todas as empresas, todos os negócios são feitos de pessoas, e as pessoas podem ter um lado, adotar, abraçar, tomar partido em algumas situações, mas eu acho que o papel da imprensa é buscar de fato essa neutralidade, garantir essa isenção, para fazer com que as pessoas formem opinião e tenham a oportunidade de se informar.

Quando a gente tem acesso à informação, a gente está se educando. A gente, às vezes, nem se dá conta da quantidade de coisas que a gente aprende.

E esse processo educativo, eu acho que tem que ser uma coisa que a imprensa tem que se apropriar, de fato, como quem tem a propriedade de levar a informação de qualidade para a sociedade.

FOCO EM ESG MELHORA REPUTAÇÃO E GERA CREDIBILIDADE

Quando a gente fala de cultura organizacional, a gente está falando sobre o jeito de as empresas se portarem, o jeito de agirem, os valores em que elas acreditam no comportamento organizacional – o que vai fazer com que a empresa tenha uma cara, um jeito.

Então, quando a gente fala de cultura, pensando em aspectos ambientais e sociais, a gente tem que entender como é que faz com que as empresas – os indivíduos, os tomadores de decisão –, como é que essas pessoas entendem que agir corretamente do ponto de vista socioambiental não vai gerar prejuízo para o negócio.

O principal desafio é provar para essas empresas, convencer essas empresas e esses governos que fazer investimentos nessas dimensões não vai gerar prejuízo. Pelo contrário, vai fazer com que melhore a reputação, vai fazer com que haja mais perenidade nas ações, e isso vai fazer com que se gere mais credibilidade e resultado financeiro.

RS TEM BONS E MAUS EXEMPLOS DE PRÁTICAS EMPRESARIAIS

A gente teve e tem exemplos para o bem e para o mal, usando o próprio Sul. A gente teve a situação de vinícolas no Rio Grande do Sul que estavam terceirizando, contratando mão de obra de empresas que estavam



subcontratando outras pessoas de uma maneira análoga à escravidão. A pessoa que compra o vinho daquela marca que descobre um negócio desse não vai querer mais comprar aquele vinho. Aquele vinho vai ficar manchado, vai ficar com uma imagem péssima.

E isso por quê? Porque a empresa quis economizar na contratação de mão de obra, contratou o fornecedor de qualquer jeito, sem avaliar a qualidade do fornecedor, para dizer o mínimo, achando que estava sendo lucrativo e rentável.

Só que ela deu um tiro no pé. Depois, o que elas economizaram fazendo o negócio sem cuidado – principalmente, no aspecto social – acabaram tendo muito mais de prejuízo.

E vai demorar para melhorar essa história. A mesma coisa a gente pode dizer quando se fala de aspectos ambientais.

“EU NÃO QUERO GANHAR DINHEIRO DE QUEM PODE ESTAR FAZENDO ALGUMA COISA QUE NÃO TENHA UMA REGULAÇÃO APROPRIADA, QUE POSSA GERAR ALGUM PREJUÍZO DO PONTO DE VISTA AMBIENTAL E SOCIAL.”

Agora, para não dizer que eu só dei exemplo ruim no Sul, a gente tem uma empresa que é super referência, que eu acho que fez ou vai fazer **100 anos**, uma empresa de borracha chamada Mercur, que também é uma empresa gaúcha.

É uma empresa que mudou radicalmente a sua cultura, porque os fundadores, a família que estava ali como principal liderança da empresa chegou e falou assim: **“Não, a gente não está aqui só para ganhar dinheiro”**. Então, eles vendem algumas coisas que podem ser usadas por outras indústrias que fazem mal às pessoas.

E aí eles começaram a falar assim: **“Não, eu não quero ganhar dinheiro de quem fabrica arma. Eu não quero ganhar dinheiro de quem pode estar fazendo alguma coisa que não tenha uma regulação apropriada, que possa gerar algum prejuízo do ponto de vista ambiental e social”**.

E aí os valores dessa família fundadora da empresa, desses dirigentes, acabaram moldando toda uma cultura de ética que faz com que eles sejam muito mais respeitados e que eles ganhem muito mais dinheiro.

BOAS PRÁTICAS PRECISAM DE TEMPO PARA DAR RESULTADO

“A CULTURA TEM A VER COM VALORES E TEM A VER COM CRENÇAS, FILOSOFIA E, PRINCIPALMENTE, ÉTICA E INTEGRIDADE DE QUEM ESTÁ NO GOVERNO OU À FRENTE DE UMA EMPRESA.”

O maior desafio é mostrar que dá trabalho fazer a coisa certa, mas fazer a coisa certa não é só gasto da empresa.



E entender também que não existe resultado rápido. Eu acho que esse também é um desafio. As pessoas hoje estão cada vez mais imediatistas. Até o pão, que você pode ter a máquina que faz o pão, mas tem que esperar fermentar alguma coisa.

Então, adotar boas práticas socioambientais é um trabalho que requer tempo e, ao mesmo tempo, o resultado é também mais perene do que uma coisa que você faça de forma imediatista, que é apagar o incêndio.

A cultura tem a ver com valores e tem a ver com crenças, filosofia e, principalmente, ética e integridade de quem está no governo ou à frente de uma empresa.

IMPACTO SOCIOAMBIENTAL AUMENTA RESPONSABILIDADE DA EMPRESA

Tem alguns tipos de negócio que são mais críticos. Por exemplo, o impacto no meio ambiente que uma mineradora provoca não é o mesmo impacto que uma empresa que presta serviço de tecnologia da informação, ou alguma coisa de comércio.

São impactos muito diferentes. Então, as responsabilidades das empresas vão estar mais relacionadas ao tipo de atuação que a empresa tem, vão depender do segmento em que elas estão atuando.

Quanto mais impacto, por exemplo, ambiental um negócio possa provocar...

E aí a gente já falou de vinícola. A produção da uva para fazer o vinho. Para produzir essa uva tem toda uma questão do solo, do impacto no clima, do impacto nas populações que estão ali em volta, a contratação da mão de obra, etc.

Se você precisa extrair da terra alguma coisa, se você precisa de recurso natural, o seu cuidado, a sua responsabilidade com o meio ambiente vai ser muito maior que uma empresa que não depende diretamente de recurso natural para fazer o seu negócio.

Por que diretamente? Porque se a gente pegar uma empresa de tecnologia da informação, para ter os seus computadores, os seus servidores, o ar-condicionado funcionando, ela precisa de energia, e essa energia depende de recursos naturais, mas não é essa empresa que opera isso.

“ÀS VEZES, DEPENDENDO DO VALOR DA MULTA E DO PORTE DA EMPRESA, ELA ATÉ FALA ASSIM: ‘DANE-SE, EU PAGO ESSA MULTA...”

Primeiro, as empresas têm que entender bem sobre o seu negócio. **ESG** e sustentabilidade são coisas diferentes, mas que se interrelacionam. Mas falando mais especificamente sobre sustentabilidade, no primeiro momento, a empresa precisa fazer a sua matriz de materialidade.

A matriz de materialidade tem a ver com os diferentes impactos que você, como negócio, pode provocar nessas dimensões social, ambiental e de





ACESSE A ENTREVISTA
DE **CARLA BRANCO**
NA ÍNTEGRA PELO
QR CODE.

governança. E aí, entendendo a sua matriz de materialidade, conhecendo a regulação que tem a ver com a sua área de atuação, há menos chances de cometer deslizes.

Infelizmente, o que acontece? As empresas muitas vezes só fazem o que está escrito no papel. Se lá no papel está escrito **“você só pode fazer determinado tipo de coisa, senão você vai ter que pagar a multa, ou você vai perder a sua licença”...**

Às vezes, quando é só a multa, dependendo do valor da multa e do porte da empresa, ela até fala assim: **“Dane-se, eu pago essa multa, quero nem saber, vai ser mais barato pagar a multa do que fazer a coisa certa”.**

Mas são poucas as empresas que extrapolam essa responsabilidade legal. São poucas as empresas que pensam, também, do ponto de vista moral.

As empresas têm que entender que nem tudo é responsabilidade só do governo. Não dá para colocar tudo na conta do governo, porque, por mais impostos que a gente pague, não tem como o governo se responsabilizar por um monte de problema que é provocado por empresas.

“QUANDO A EMPRESA ENTENDE O SEU TAMANHO, (...) QUE DELA DEPENDE O SUSTENTO DE UMA PEQUENA CIDADE E QUALQUER COISA DO GÊNERO, ELA VAI TER QUE ASSUMIR AS RESPONSABILIDADES.”

Então, cada um tem que entender que tem que fazer a sua parte, que governo não tem como bancar tudo e nem assumir todas as responsabilidades. E existem empresas que são muito mais ricas do que muitos municípios do Brasil. Às vezes, tem empresas que são muito mais ricas do que países inteiros no mundo.

Quando a empresa entende o seu tamanho, quando a empresa entende que dela depende o sustento de uma pequena cidade e qualquer coisa do gênero, ela vai ter que assumir as responsabilidades e pensar em **planos B, C, D**, para ter plano de contingência para lidar com situações que possam ter esses impactos negativos, essas externalidades negativas como o clima, coisas que envolvam o clima, desastres naturais, etc.

DINHEIRO FALA MAIS ALTO

“AS EMPRESAS TÊM QUE PENSAR EM GANHAR DINHEIRO DE UMA MANEIRA MAIS CRIATIVA (...) PARA NÃO QUERER GANHAR DINHEIRO A QUALQUER CUSTO, COLOCANDO A VIDA DE OUTRAS PESSOAS EM RISCO.”

Então, se o seu negócio, de alguma maneira, vai prejudicar a vida em sociedade, se a quantidade de pessoas que estão ali não comporta aquilo, deveria existir alguma espécie de freio. Ou a empresa colocar a mão na cabeça, a mão na consciência.

O governo deveria, também, dar uma apertada maior, mas eu acho que tem



toda uma questão de cultura no Brasil, institucionalizada, de que as pessoas acabam fazendo vista grossa para muita coisa, quando o dinheiro fala mais alto.

A gente tem aqui, falando do Rio de Janeiro, uma série de restrições com relação à construção nas encostas. Não pode construir nas encostas.

Então, esse tipo de coisa não tem que ser só nessas áreas mais florestais. Isso tem que começar a acontecer, também, nos grandes centros urbanos, porque é onde está a maior quantidade de pessoas e, infelizmente, a maior quantidade de pessoas vulneráveis, que são as mais prejudicadas com esse tipo de situação.

As empresas têm que pensar em ganhar dinheiro de uma maneira mais criativa. Tem que começar a quebrar a cabecinha para não querer ganhar dinheiro a qualquer custo, colocando a vida de outras pessoas em risco, porque depois é muito ruim, muito feio para todo mundo.

ESG PERMITE LUCRAR SEM PREJUDICAR O PLANETA

A gente tem diferentes pesquisas que fazem medições de maneiras diferentes, mas o que a gente observa é que as empresas que adotam práticas **ESG**, que normalmente são as empresas maiores, têm mais chance de alta performance, têm melhores rendimentos financeiros, têm maior credibilidade, criam um ciclo virtuoso.

Tem hoje, também, um pessoal que fala assim: **“Mas essa história de ESG é coisa de gente de esquerda, é coisa de comunista, é para a gente deixar de ganhar dinheiro”**. E não tem nada a ver com isso.

O que eu falo para as pessoas é que não é para a gente deixar de ser capitalista, não é para deixar de querer ganhar dinheiro. É para a gente passar a ganhar dinheiro de uma maneira que o nosso enriquecimento material não prejudique outras pessoas e não prejudique o planeta.

É desmistificar essa história de que **ESG** e sustentabilidade é abraçar árvore. Não. É ser ético, criativo, pensar no negócio de uma maneira inovadora porque as pessoas estão mudando.

“AS EMPRESAS (...) VÃO TER QUE SE ADAPTAR E, PARA SE ADAPTAR, VÃO TER QUE ADOPTAR BOAS PRÁTICAS, PORQUE A GENTE NÃO ACEITA MAIS QUALQUER COISA GOELA ABAIXO.”

Nós estamos mudando, a sociedade está evoluindo, não tem mais como as pessoas nas empresas acharem que ninguém mudou, porque senão o negócio vai morrer. Então, com relação a números, é crescente a mudança e, principalmente, a necessidade de mudar porque os consumidores querem as coisas diferentes.

E as empresas, que precisam de cliente, que precisam de consumidor, vão ter que se adaptar e, para se adaptar, vão ter que adotar boas práticas, porque a gente não aceita mais qualquer coisa goela abaixo.





FORUM

DEBATE


RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024

**“CRUZAMOS UM PONTO
SEM RETORNO NA
QUESTÃO CLIMÁTICA”**

Marce Fukayama

A tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul inaugura uma nova era de eventos climáticos extremos no Brasil e marca um ponto de onde não é mais possível retornar, em relação às questões climáticas e de sustentabilidade.

A opinião é do empreendedor social Marcel Fukayama, head de Global Policy no B Lab (sistema de certificação para empresas que atendem aos mais altos padrões de desempenho socioambiental).

Cofundador do Sistema B no Brasil e da consultoria de investimentos Din4mo, com foco em iniciativas da nova economia e que visam à redução de desigualdades, Fukayama diz que a reconstrução do estado precisa promover um caminho mais resiliente e responsivo.

Com a Din4mo, ele gerencia o RegeneraRS, iniciativa que busca mobilizar fundos para projetos destinados a reconstruir o estado após o desastre climático.

Em depoimento ao **Relatório Social 2024 da AGERT**, Fukayama destacou a importância dos veículos de radiodifusão no processo de sensibilização, mobilização e engajamento da população, dos governos e das empresas, nesse novo paradigma.

Confira os principais pontos da entrevista:

RS INAGUGURA NOVA ERA DE EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS

Eu acho que a calamidade que afetou o Rio Grande do Sul inaugura uma nova era de eventos climáticos extremos. Eu não acredito que o país, a sociedade, o mercado se deu conta disso. Provavelmente, não. Ainda existe uma percepção de que já foi, foi mais uma enchente, esperando a próxima, mas os efeitos, as consequências da calamidade ainda são presentes e serão por muito tempo, muito provavelmente até por um impacto geracional.

A gente teve **327 mil** estudantes afetados, **700 mil** negócios afetados, **60% do PIB** gaúcho afetado. **500 mil** pessoas desalojadas. Então, os efeitos, os números são enormes, a necessidade de reconstrução é muito grande, e a necessidade de capital.

O que eu acho que essa vivência do Rio Grande do Sul nos traz é um chamado para a mudança de um paradigma, um paradigma de desenvolvimento econômico que busque não só o crescimento econômico, mas também a harmonização desse crescimento com limites planetários e de bem-estar social.

“CATÁSTROFES E CALAMIDADES COMO ESSA, PROVAVELMENTE, NÃO FORAM A PRIMEIRA NEM SERÃO A ÚLTIMA.”

Existe um ponto de **“não retorno”** que me parece que nós já cruzamos. Então, catástrofes e calamidades como essa, provavelmente, não foram a primeira nem serão a última.

A gente tem que estar preparado para que essa reconstrução do Rio Grande do Sul promova um caminho mais resiliente e responsivo, ou seja, que para futuros eventos como esse a grande Porto Alegre, as grandes cidades, as cidades satélites que foram tremendamente afetadas, como São Leopoldo, possam responder e superar essa questão. Eu acho que esse é um pouco do contexto que nos convoca.

A RADIODIFUSÃO DEVE PROMOVER E DIFUNDIR UMA NOVA CULTURA

O primeiro papel é de sensibilização, mobilização e engajamento para esse novo paradigma. É muito importante os meios de comunicação atuarem na educação, na promoção dessa cultura, desse novo jeito de pensar e de fazer. Isso na gestão pública, na gestão empresarial e, também, na sociedade civil.

Quando a gente fala da gestão pública, é imperativo que a gestão pública crie uma estrutura de governança para trabalhar as mudanças climáticas com ações de adaptação, mitigação e transformação.

É imperativo que as empresas incorporem esse paradigma no seu modelo de negócio, na sua cadeia de valor e no seu ambiente de trabalho. E a sociedade civil tem que estar instrumentalizada e desenvolvida para criar, positivamente falando, essa pressão nas empresas e no poder público. Então, o poder dos meios de comunicação é absolutamente necessário e

crucial para essa sensibilização, essa mobilização e esse engajamento desses distintos stakeholders.

RECONSTRUÇÃO PRECISA UNIR GOVERNO, EMPRESAS E SOCIEDADE CIVIL

Primeiro, é muito importante uma gestão multistakeholder, ou seja, o poder público é insuficiente para lidar com essa dimensão. Ao mesmo tempo, somente a sociedade civil, provendo apoio emergencial e apoio filantrópico, tampouco é suficiente. É fundamental, mas é insuficiente.

Então, essa gestão e governança envolvendo setor público, o poder público, o setor empresarial e a sociedade civil organizada é absolutamente crucial.

Não só vai trazer mais inteligência, mas vai trazer inovação, escala e soluções que vão mobilizar capital, vão alavancar impacto e escala dessas soluções, para trazer mais resiliência e responsabilidade em futuros eventos. Isso é a primeira coisa.

“A ORDEM DA GRANDEZA DESSE CAPITAL É ENORME PARA ESSA DÉCADA, PARA A GENTE RECUPERAR O RIO GRANDE DO SUL.”

A segunda coisa é que nós precisamos ser mais inovadores e criativos em como mobilizamos capital financeiro para essa reconstrução e regeneração do Rio Grande do Sul. E é por isso que o RegeneraRS, uma iniciativa que



positivamente falando, essa pressão nas empresas e no poder público. Então, o poder dos meios de comunicação é absolutamente necessário e crucial para essa sensibilização, essa mobilização e esse engajamento desses distintos stakeholders.

RECONSTRUÇÃO PRECISA UNIR GOVERNO, EMPRESAS E SOCIEDADE CIVIL

Primeiro, é muito importante uma gestão multistakeholder, ou seja, o poder público é insuficiente para lidar com essa dimensão. Ao mesmo tempo, somente a sociedade civil, provendo apoio emergencial e apoio filantrópico, tampouco é suficiente. É fundamental, mas é insuficiente.

Então, essa gestão e governança envolvendo setor público, o poder público, o setor empresarial e a sociedade civil organizada é absolutamente crucial. Não só vai trazer mais inteligência, mas vai trazer inovação, escala e soluções que vão mobilizar capital, vão alavancar impacto e escala dessas soluções, para trazer mais resiliência e responsabilidade em futuros eventos. Isso é a primeira coisa.

“A ORDEM DA GRANDEZA DESSE CAPITAL É ENORME PARA ESSA DÉCADA, PARA A GENTE RECUPERAR O RIO GRANDE DO SUL.”

A segunda coisa é que nós precisamos ser mais inovadores e criativos em como mobilizamos capital financeiro para essa reconstrução e regeneração do Rio Grande do Sul. E é por isso que o RegeneraRS, uma iniciativa que

tem buscado orquestrar capital social e capital financeiro, busca mobilizar a sociedade e o mercado para essa inovação.

Não vai bastar a gente simplesmente mobilizar capital público ou capital emergencial e capital filantrópico. A ordem da grandeza desse capital é enorme para essa década, para a gente recuperar o Rio Grande do Sul.

Muito provavelmente, a gente está falando de uma grandeza entre **500 bilhões e 1 trilhão de reais**, não para fazer uma reconstrução para uma velha lógica, mas para uma lógica de resiliência, de adaptação, mitigação e, sobretudo, de transformação.

Para uma economia de baixo carbono e de descarbonização. Para uma economia que considera o bem-estar social e coletivo. Para uma economia que é, inclusive, equitativa e regenerativa.

Essa nova lógica vai custar tempo, vai custar dinheiro e, para isso, vai ser muito importante a integração da sociedade civil com o mercado e o poder público, para poder mobilizar capital social e financeiro na escala sem precedentes que a gente precisa.

FUNDO FILANTRÓPICO AJUDA NA RECONSTRUÇÃO DO ESTADO

Não só pode como deve ser em conjunto. Nós precisamos atuar de maneira coordenada. Coordenada com o poder público, coordenada com a sociedade civil e o mercado.



Isso é absolutamente imperativo para que a gente consiga não dispersar energia, não dispersar recursos, incluindo tempo, dinheiro e pessoas, mas que a gente consiga convergir para essa reconstrução.

O Regenera tem esse papel de ocupar essa lacuna de coordenação, de alinhamento, de redução na assimetria de informação que existe entre distintos stakeholders para a reconstrução do Rio Grande do Sul.

“A GENTE PRECISA ATUAR DE MANEIRA COORDENADA.”

Então, a gente percebe que existe já um número de iniciativas muito importantes. Transforma RS, Reconstrói, entre outras iniciativas, e tem o próprio poder público, em nível nacional e local, trabalhando para a reconstrução.

A gente vê um número de empresários engajados para essa reconstrução. O que a gente precisa é atuar de maneira coordenada.

Então, o Regenera se propõe, em primeiro lugar, a ser uma orquestração, uma coalizão de pessoas e instituições que vão promover a reconstrução e a regeneração do Rio Grande do Sul. Uma das formas que a gente faz isso é através de um fundo filantrópico.

Então, a gente percebe que existe já um número de iniciativas muito importantes. Transforma RS, Reconstrói, entre outras iniciativas, e tem o próprio poder público, em nível nacional e local, trabalhando para a reconstrução.

A gente vê um número de empresários engajados para essa reconstrução. O que a gente precisa é atuar de maneira coordenada.

Então, o Regenera se propõe, em primeiro lugar, a ser uma orquestração, uma coalizão de pessoas e instituições que vão promover a reconstrução e a regeneração do Rio Grande do Sul. Uma das formas que a gente faz isso é através de um fundo filantrópico.

Esse fundo filantrópico é um veículo para mobilizar capital nessa escala sem precedentes. Nós iniciamos com **20 milhões** de reais da família Gerdau Johannpeter, com **10 milhões** da empresa Gerdau, com **8 milhões** da Vale.

Com esse capital inicial, nós estamos financiando iniciativas em quatro áreas: habitação, educação, soluções urbanas e apoio a negócios. São quatro áreas temáticas que nós acreditamos que vão dar tração para o Rio Grande do Sul poder dar esse primeiro passo na reconstrução.

Nós já saímos do período emergencial. Agora, é preciso colocar a bola no chão e, de maneira coordenada, apoiar iniciativas nessas áreas e em outras áreas em que projetos já estão acontecendo.

“O INDICADOR DE SUCESSO (...) NÃO É QUANTO CAPTOU, MAS SIM QUANTO MOBILIZOU. QUANTOS REAIS A GENTE CONSEGUE COLOCAR E, A PARTIR DESSE REAL COLOCADO, MULTIPLICAR ESSE CAPITAL DE MANEIRA CATALÍTICA.”



A maneira como o Regenera está atuando, primeiro, é mobilizando capital para o fundo filantrópico; segundo, é mobilizando capital com pool de financiadores; e o terceiro é com cofinanciamento.

Existem muitas iniciativas que já estão atuando em educação ou habitação e, junto com o Regenera, podem cofinanciar, fazer um financiamento direto em conjunto com o Regenera, para que a gente consiga mobilizar capital nessa escala.

O indicador de sucesso do Regenera não é quanto captou, mas sim quanto ele mobilizou. Quantos reais a gente consegue colocar e, a partir desse real colocado, multiplicar esse capital de maneira catalítica. Essa lógica de alavancagem de impacto, escala e capital para a gente são os indicadores de êxito.

ACORDO DE PARIS É QUASE IMPOSSÍVEL DE SER ALCANÇADO

Eu acho que nós demos passos importantes, mas é insuficiente. Se você perguntar na rua se um indivíduo conhece a Agenda **2030** dos **17 Objetivos** de Desenvolvimento Sustentável, muito provavelmente a resposta é “**não**”.

Se perguntar o que é Acordo de Paris, muito provavelmente vai haver um desconhecimento. **Se houver conhecimento, qual é a meta? Quais são os objetivos do Brasil com o Acordo de Paris?**

“NUNCA SE FALOU TANTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS, ATÉ POR CONTA DOS EFEITOS QUE ELAS JÁ ESTÃO TRAZENDO.”

Existe baixa sensibilização e conhecimento disso, embora hoje esteja cada vez mais na agenda das pessoas, seja na academia, seja no governo, seja na sociedade civil. Nunca se falou tanto das mudanças climáticas, até por conta dos efeitos que elas já estão trazendo.

Em São Paulo, em novembro de **2023**, houve uma onda de calor que, por duas semanas, deixou São Paulo com 14 graus acima da média. Isso faz do Acordo de Paris – que busca limitar o aquecimento do planeta em até **1,5 grau** até o final do século – algo quase distante, extremamente impossível de ser alcançado, se a gente considerar essa realidade

SITUAÇÃO DO CLIMA VAI PIORAR

“NÓS PRECISAMOS, EM NÍVEL NACIONAL E EM NÍVEL LOCAL, TER UM ORÇAMENTO DE MITIGAÇÃO, ADAPTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO PARA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS.”

Os efeitos, mais por dor do que por amor, já estão sendo vivenciados. Até por isso as pessoas estão falando muito mais sobre o assunto.

Agora, o que a gente precisa fazer é transformar essas narrativas, esses discursos em práticas. Práticas que mudam o comportamento.

Comportamentos que mudam a cultura, o jeito de pensar e de fazer. Cultura que muda a estrutura.

Ou seja, nós precisamos, em nível nacional e em nível local, por exemplo, ter um orçamento de mitigação, adaptação e transformação para as mudanças climáticas. Caso contrário, a gente vai ficar sempre reativo.



Em **2023**, foi São Sebastião, no litoral paulista, que sofreu. No ano anterior, foi o sul da Bahia. No ano anterior, foi a região serrana do Rio de Janeiro. No ano anterior, foi o sul de Minas Gerais. E assim vai, e a gente sempre de maneira muito reativa.

“MEU RECEIO É A VELOCIDADE, PORQUE TALVEZ NÃO TENHAMOS ESSE TEMPO, VISTO QUE COMUNIDADES MAIS VULNERÁVEIS SÃO AS QUE SEMPRE SOFREM, SEMPRE SOFRERÃO MAIS DIANTE DESSAS CATÁSTROFES.”

A questão é que a agenda vai piorar, pessoas vão sofrer cada vez mais, e a gente vai precisar muito dessa sensibilização, mobilização e engajamento. E criar canais para esse engajamento, seja pelo público, seja nas empresas e, também, na sociedade civil organizada.

O governo federal está conduzindo uma série de plenárias para a elaboração do Plano Clima, que é a plataforma e o mecanismo que o governo tem para incorporar os aportes da sociedade civil e do mercado na construção desse plano de adaptação e mitigação climática.

Estamos indo nessa direção. Meu receio é a velocidade, porque talvez não tenhamos tanto esse tempo, visto que comunidades mais vulneráveis são as que sempre sofrem, sempre sofrerão mais diante dessas catástrofes.

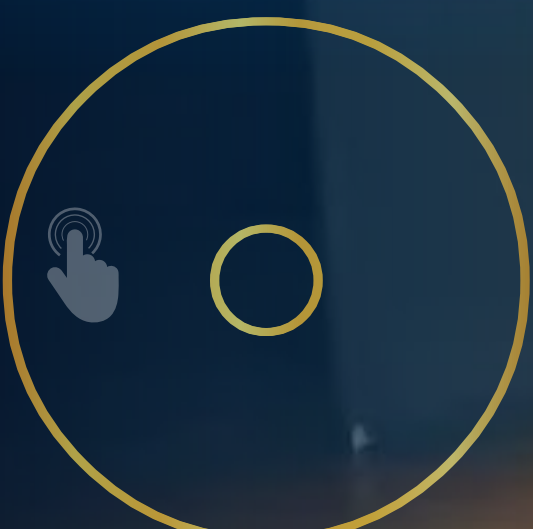


ACESSE A ENTREVISTA DE
MARCEL FUKUYAMA NA
ÍNTEGRA PELO QR CODE.





JOEL GOLDENFUM




RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024

**“A POPULAÇÃO PRECISA
SABER O RISCO QUE
ESTÁ CORRENDO”**

O Rio Grande do Sul precisa incluir a prevenção de desastres no currículo das escolas de Nível Fundamental. Essa é uma das medidas apontadas pelo secretário-executivo do Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática do Plano Rio Grande, Joel Avruch Goldenfum, para evitar novas tragédias como a que atingiu o estado em maio deste ano.

Ele acrescenta que a população precisa saber os riscos que corre e alerta que o perigo não se limita a inundações. **“Nós temos encostas que podem sofrer riscos de deslizamento. Isso inclusive em Porto Alegre, não é só na bacia do Taquari-Antas”**, diz o professor universitário e engenheiro civil.

Falando ao **Relatório Social 2024 da AGERT**, Goldenfum destacou que os meios de comunicação podem contribuir muito na conscientização sobre a importância da prevenção.

E advertiu que enchentes e estiagens tendem a ser cada vez mais frequentes e intensas no estado. Por isso, espera que as autoridades ouçam e adotem as sugestões e propostas que serão feitas pelo Comitê Científico, ou o grupo acabará se dissolvendo.

Veja os principais pontos da entrevista:

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E OCUPAÇÃO DO SOLO FAVORECERAM TRAGÉDIA

Tivemos uma série de questões. A primeira é que foi um evento absolutamente extraordinário, esse que nós tivemos em **2024**, mas em **2023**, em setembro e em novembro, nós já tivemos dois eventos importantes que causaram destruição, principalmente na bacia do Taquari-Antas, mas que também tiveram reflexos mais abaixo, inclusive em Porto Alegre.

O que nós estamos vendo é um reflexo das mudanças climáticas. Temos indicações bastante significativas das modificações. Por exemplo, nós temos medições de nível d'água no Cais Mauá, em Porto Alegre, desde **1899**.

Até agosto do ano passado, em **124** anos de medições, tivemos quatro vezes a água passando por cima do Cais do Porto. E agora, em setembro e novembro de **2023**, e aí em maio de **2024**, em oito meses tivemos três vezes.

Essas três estão entre as quatro ou cinco mais importantes desta série histórica. Isso realmente é importante.

Claro que também houve influência de El Niño. Então, temos em primeiro lugar a questão da excepcionalidade do evento, certamente relacionada com as mudanças climáticas.



“TEMOS UM HISTÓRICO QUE TROUXE, POR UM LADO, OCUPAÇÃO INADEQUADA; POR OUTRO, PROBLEMAS DE MANUTENÇÃO DOS SISTEMAS.”

Temos também a questão da ocupação do solo – me referindo à bacia como um todo –, que é inadequada no sentido de ocupar áreas de risco de inundação. Isso, na verdade, é um modelo de ocupação que nós temos aqui – no Brasil, em geral; no Sul do Brasil, mais em particular.

As populações se alojam próximo aos cursos da água e, aos poucos, vai-se criando uma comunidade, que vai crescendo. O grande problema é a invasão, a ocupação da várzea do rio por usos que não são compatíveis com inundação.

Além disso, nós tivemos outras questões em algumas cidades, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Tem um sistema de proteção contra cheias, composto por polders, diques, casas de bomba, sistemas de drenagem.

Esses sistemas foram implantados a partir do início da década de **1970** e a operação e manutenção era responsabilidade dos municípios. Porém, originalmente, a verba era federal.

Existia o Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), extinto em **1990**. Sem a verba federal, ficou mais complicado para os municípios a operação e manutenção dos sistemas.

Então, temos um histórico que trouxe, por um lado, ocupação inadequada; por outro lado, problemas de manutenção dos sistemas. Isso desde a década de **1990**. E a operação não é barata. Tem custos altos, por exemplo, de energia com as situações de bombeamento e manutenção geral.

OCUPAÇÃO DE ÁREAS DE RISCO PREOCÚPA COMITÊ CIENTÍFICO

No momento, a gente está avaliando projetos que já foram propostos e o impacto que teriam esses projetos, em termos das novas realidades observadas a partir dos eventos de **2023** e **2024**.

Tem projetos de proteção na área Metropolitana. Por exemplo, o projeto do Arroio Feijó, o projeto de Eldorado do Sul, que não foram implementados ainda, estão em fase de projeto executivo – e o Comitê está com dois grupos avaliando, no sentido de ver se há necessidade de reavaliar esses projetos à luz dos novos eventos.

“NÓS TEMOS ENCOSTAS QUE PODEM SOFRER RISCOS DE DESLIZAMENTO. INCLUSIVE, EM PORTO ALEGRE.”

Não estamos avaliando em nível municipal as questões de ocupação de solo, mas qualquer tipo de ocupação inadequada. Ocupação inadequada se refere não só à questão da impermeabilização do solo, mas principalmente à ocupação de áreas de risco.



Quando eu falo áreas de risco, não só de inundação, mas riscos de desastre em geral, porque nós temos, por exemplo, encostas que podem sofrer riscos de deslizamento. Isso inclusive em Porto Alegre, não é só na bacia do Taquari-Antas que existe a ocupação nas áreas de morros.

Existem riscos, também, de deslizamento, existem riscos de saúde e outros riscos, não só de origem hidrológica, que têm de ser avaliados quando a gente vê a questão da ocupação.

No caso de Porto Alegre, a atualização do Plano Diretor está ocorrendo agora. É um momento interessante para sugestões e avaliações sobre o plano, não apenas na questão da impermeabilização, mas na forma de ocupação de áreas que possam ser de risco de desastres.

PREFEITURAS PODIAM TER SE MOBILIZADO APÓS CHEIAS DE 2023

Eu lastimo. Eu acho que poderia ter havido, sim (medidas de prevenção). Infelizmente, não houve tempo para que as prefeituras se mobilizassem. As prefeituras poderiam ter se mobilizado.

Aqui em Porto Alegre, por exemplo, na de novembro, se observou vazamento de comportas. Então, seria possível já ter trabalhado nas comportas de novembro do ano passado até maio deste ano.

Claro que outras coisas poderiam ter sido efetuadas, que seriam alterações nos diques, etc. Isso é uma coisa de mais médio e longo prazo, mas algumas coisas de curto prazo poderiam ter sido efetuadas.

“EXISTE UMA FALTA DE CULTURA DE PREVENÇÃO EM GERAL E ISSO SE MANIFESTA, TAMBÉM, NA ÁREA DE DESASTRES.”

O problema todo é o seguinte: é uma questão de não acreditar que pode ocorrer o evento novamente. Muita gente diz: **“Mas isso tem uma chance de uma em mil de acontecer”**. Essa é nossa estimativa, mais ou menos, uma chance de uma em mil.

Aí eu começo a falar para as pessoas: **“Você aposta na Mega Sena. A Mega Sena não é de uma em mil, é de uma em trinta milhões”**. O ser humano tem essa característica. Ele acredita que as coisas boas podem acontecer e tem dificuldade de aceitar que as coisas ruins possam acontecer.

No Brasil, existe uma falta de cultura de prevenção. Isso vale em tudo e se manifesta, também, na área de desastres. Nós temos que desenvolver uma cultura de prevenção de risco de desastres, e isso se faz de uma maneira muito mais envolvente do que simplesmente **“medidas”**.

EDUCAÇÃO SOBRE RISCOS É FUNDAMENTAL



“NÓS TEMOS QUE INCLUIR NO CURRÍCULO DE NÍVEL FUNDAMENTAL JÁ A QUESTÃO DE PREVENÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES.”

Nós temos que trabalhar, por exemplo, com educação Fundamental. Nós temos que incluir no currículo das escolas de Nível Fundamental já a questão de prevenção de riscos de desastres.

As crianças já têm que saber da possibilidade. Elas têm que ser treinadas desde criança a saber como é que a gente procede num caso com risco. Não adianta chegar na hora da inundação e o governante dizer **“desloque-se para uma área segura”**.

A população não sabe onde é a área segura. A população não sabe a rota de fuga. **Mesmo que ela saiba onde é seguro, como ela chega lá?**

Então, tem que ser feita a preparação. Isso vem de uma etapa muito anterior à tomada de medidas, mas é uma questão de criação de uma cultura de prevenção.

Isso vai com o tempo, não é de uma hora para outra, e por isso que eu digo: tem que começar com a educação. Fundamental a educação.

RADIODIFUSÃO PODE CONTRIBUIR PARA PREVENÇÃO

Os meios de comunicação podem contribuir muito nessa questão de conscientização da população, de mostrar a importância da prevenção, de ressaltar conceitos que muitas vezes nós, técnicos, não temos capacidade de passar para a população de uma forma clara.

O que é risco? O que é uma área de risco? Como se delimita uma área de risco? Que tipo de uso pode ter?

Quando a gente trabalha com o zoneamento de áreas de risco, a gente estabelece diferentes áreas. Então, tem uma área que a gente chama de Zona de Passagem de Cheia. Essa área só pode ter usos que possam conviver com inundação.

Por exemplo, um parque linear, um estacionamento. Algo que, na hora da cheia, vai ser inundado, mas depois pode ser recuperado e voltar a ser usado.

Aqui em Porto Alegre, nós temos a Orla do Guaíba, que tem a função de dar um espaço maior para o Guaíba avançar quando tiver uma inundação. Os agentes de comunicação podem passar isso. Explicar por que aquela orla está ali.

Ela está ali só para dar lazer para a população? Não. Essa é uma das funções. Outra função é justamente dar uma área para que o Guaíba possa avançar lá – não numa enchente como essa, mas numa enchente menor, como nos anos passados.

Mas como é que a população vai saber que a orla é feita para isso? Podemos fazer trabalhos, podemos fazer reportagens, mas a comunicação de massa tem essa possibilidade de orientar e de explicar para a população essas coisas.

COMUNICAÇÃO TEM PAPEL IMPORTANTE A CUMPRIR

“TEM QUE SER MUITO BEM EXPLICADO PARA A POPULAÇÃO O RISCO QUE ELA ESTÁ CORRENDO.”

Eu tento falar em uma linguagem menos técnica, mas às vezes é difícil para quem está acostumado a trabalhar nessa linguagem. Quem trabalha com meios de comunicação, como **rádio e TV**, tem muito mais elementos para transmitir isso para a população de uma forma clara.

É fundamental o papel da comunicação, nesse caso, para que a população consiga compreender. Até mesmo para que ela entenda, lá pelas tantas: **por que tem que desocupar uma área?**

Desalojar pessoas é muito complicado. Tem um custo financeiro, mas pode ter um custo político alto, também. E um custo social altíssimo.

As pessoas não querem sair daquela região onde elas têm não só os seus laços de amizades, laços sociais e familiares. Muitas vezes, o seu provento está associado à atividade econômica onde eles moram.

Hoje, talvez seja mais fácil de explicar para as populações que foram afetadas. **Mas daqui a 10, 20 anos, como é que fica?**

ADOÇÃO DE ESG É IMPRESCINDÍVEL

O **ESG** significa Ambiente, Social e Governança, basicamente. Então, eu estou falando do primeiro, do environmental, do ambiental. Falei um pouquinho do social. Tem a questão de governança, também.

Eu costumo dizer que ela abarca tudo. Eu imagino a governança sempre como sendo um elemento que consiga aglutinar os demais elementos para que se possa colocar nessa questão.

Então, não consigo enxergar hoje em dia uma situação em que a gente venha a prescindir desses elementos: ambiental, social e governança. É difícil imaginar como você vai prescindir disso, quando trabalha com riscos de desastre – mas não só com riscos de desastres; com tudo, em geral.

SE NÃO FOR OUVIDO, COMITÊ CIENTÍFICO VAI ACABAR

Quando fui convidado, eu confesso que fiquei, em primeiro lugar, surpreso com a iniciativa e, em segundo lugar, preocupado exatamente com isto: **qual vai ser, no final das contas, o papel desse comitê? Esse comitê vai ter, efetivamente, força para influenciar nas decisões de governo?**



“É UMA OPORTUNIDADE DE LEVAR O CONHECIMENTO TÉCNICO E CIENTÍFICO PARA AUXILIAR NA DECISÃO. E EU VIM PARA CÁ PORQUE EU ACREDITO QUE ISSO POSSA OCORRER.”

Eu espero que sejam ouvidos os nossos comentários. Nós vamos ver, a partir dos dois primeiros pareceres, se eles vão ser levados em conta e os projetos vão ser efetivamente revistos, analisando os elementos que nós estamos colocando.

Se continuar sendo, perfeitamente. Se não continuar, eu não tenho problema nenhum em retornar para a Universidade, voltar a fazer o que eu fazia antes.

É uma oportunidade de a gente levar o conhecimento técnico e científico para auxiliar na tomada de decisão. E eu vim para cá porque acredito que isso possa ocorrer. Espero que ocorra, sinceramente, espero que ocorra.

“QUANDO SE AVALIA UM PROJETO, NÃO DEVE FICAR APENAS NA PARTE TÉCNICA. TODAS ESSAS OUTRAS PARTES – SOCIAIS, AMBIENTAIS, SAÚDE – TÊM QUE SER CONSIDERADAS.”

Eu espero que a gente possa trabalhar, mas não só nesses projetos, porque dessa maneira nós estamos sendo responsivos. O comitê também pode ser propositivo. Daqui a pouco, nós vamos começar a fazer proposições e não simplesmente avaliar projetos já existentes.

É uma questão de tempo, porque é um comitê em que são **43 cientistas**, especialistas em diversas áreas, que vão da saúde, da educação, das áreas ambientais, das áreas tecnológicas.

É um elemento bastante rico em termos de análise. Quando se avalia um projeto, a gente hoje sabe que não deve ficar apenas na parte técnica. Todas essas outras partes – sociais, ambientais, saúde – têm que ser consideradas.

“SÓ VAMOS CONTINUAR DANDO APOIO SE SENTIRMOS QUE ESTAMOS SENDO OUVIDOS. SE NÃO, ESSE COMITÊ SE AUTODISSOLVE.”

Eu sou muito otimista, mas eu não quero ser ingênuo. Eu sou otimista de que há uma possibilidade e nós temos nomes de muito peso em termos locais, nacionais e internacionais. Essas pessoas só vão continuar dando apoio, todos nós, se sentirmos que estamos sendo ouvidos. Se não, esse comitê se autodissolve.

Então, sim, eu espero que seja. O projeto é originalmente para dez anos. Não é um projeto de governo, é um projeto de Estado. Se vai continuar ou não, dentro deste governo ou nos próximos, é impossível responder.

Mas foi o que eu disse na primeira reunião que tivemos: a continuidade e o sucesso deste projeto dependem da nossa capacidade de propor e da recepção que vai ter nos órgãos oficiais, em termos de aceitar, no mínimo, avaliar as nossas proposições.



MEDIDAS DEPENDEM DE VERBA FEDERAL E DE PLANEJAMENTO

Claro que isso, para ser implementado, envolve verba e essa verba provavelmente vai ter que ser de origem não apenas estadual, mas provavelmente federal. Principalmente, quando a gente pensa em desastres.

Outra questão importante é que, quando a gente pensa em medidas de controle de recursos hídricos, em geral, a unidade de planejamento não pode ser um município. Tem que trabalhar em nível de bacia.

Isso implica, talvez, a criação de autoridades metropolitanas, ou de consórcios de municípios, para que o planejamento seja efetivo em termos de redução de riscos de desastres.

“NÃO ADIANTA UM MUNICÍPIO RESOLVER O SEU PROBLEMA E APENAS TRANSFERIR MAIS PARA BAIXO.”

Existe toda uma questão legal que tem que ser adaptada para o problema específico. Não adianta nada um município resolver o seu problema e apenas transferir mais para baixo.

Por exemplo, se eu evito uma inundação em um município, essa água vai ter que ir para algum lugar. Ela vai passar a inundar áreas mais a jusante, mais para baixo, que não eram inundadas antes, mas essa água vai ter que ir para algum lugar.

COMUNIDADES PRECISAM TER PERCEPÇÃO DE RISCO

No projeto Taquari-Antas, a gente trabalhava em nível de capacitação das comunidades locais. Muitas vezes, as pessoas não têm a percepção de que elas estão em área de risco. Então, tem que desenvolver percepção de risco.

Elas têm que ser capacitadas no sentido de saber quando elas estão em risco, onde elas estão em risco e como proceder no momento de uma situação de risco. **Para onde elas vão, como é que elas vão, que tipo de aviso tem que ser dado?**

Isso tem que ser trabalhado dentro da comunidade. Se isso vier de fora para dentro da comunidade, muitas vezes, não vai funcionar.

É a construção, por exemplo, de rotas de fuga, feita em conjunto com as comunidades. Isso é um trabalho belíssimo, muito interessante de ser feito, que tem que envolver diversas áreas. Tem que trabalhar com diferentes áreas do conhecimento, não somente a técnica, mas principalmente a social, para que seja efetivo.

Isso é um trabalho bastante amplo, onde esse tipo de metodologia pode ser desenvolvido em áreas-piloto a partir de propostas do comitê. E, a partir dessas áreas-piloto, ele pode ser multiplicado para diversas outras áreas.

COMITÊ AVALIA MEDIDAS URGENTES PARA ILHAS DO GUAÍBA

Com certeza, principalmente na identificação de áreas de risco, existe essa preocupação. As ilhas do Guaíba, na realidade, são parte de um parque nacional. Em tese, elas não deveriam ter sido ocupadas.

É uma herança que a gente tem de uma ocupação em área que não precisa de um evento tão grave como esse para haver inundação. É uma região que, periodicamente, tem inundações com níveis muito menos impactantes do que o dessas três últimas cheias.

É toda uma questão de uma política espacial, uma política social, que envolve a questão do disciplinamento da ocupação do solo, levando em consideração elementos de prevenção de risco. Isso é uma das grandes questões que a gente tem de levantar.

SECAS TÊM MAIS IMPACTO ECONÔMICO QUE INUNDAÇÕES

Aqui no Rio Grande do Sul, em geral, se você não tomar um evento tão grave como esse, as secas são economicamente muito mais críticas do que as inundações. Porque é uma economia fortemente agrícola e baseada em pelo menos um cultivo que demanda uma grande quantidade de água.

A situação de seca, em termos da economia do estado, costuma ser pior do que inundações. Não como essa última, lógico. Essa última foi trágica demais.

Então, a seca é muito mais preocupante em termos da economia do estado do que as inundações e isso, evidentemente, está dentro do foco [do Comitê Científico].

ESTUDO PREVÊ NOVOS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS

Nós fizemos um estudo recente aqui, dentro do **IPH (Instituto de Pesquisas Hidráulicas)**, junto com a **ANA (Agência Nacional de Águas)**, e dentro desse estudo um foi uma modelagem, em nível continental, usando modelos de grandes bacias e usando **25 modelos** de mudanças climáticas.

Os modelos apresentam resultados um pouco diversos, mas a gente observa uma diminuição nos volumes de água no Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, e um aumento aqui para o Sul, principalmente da bacia do Uruguai para baixo, ou seja, o sul de Santa Catarina, o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

“VAI CONTINUAR TENDO, OU PIOR, VÃO AUMENTAR OS EVENTOS EXTREMOS.”

Então, a gente observa, em níveis médios, um aumento de volumes de água no Sul, uma redução de níveis de água no Centro e Nordeste.

Mas todos os modelos apontam para um aumento na ocorrência e na intensidade de eventos extremos, ou seja, eventos de seca, de estiagem,



e de inundações vão se tornar mais frequentes e mais graves, independente do volume médio ter aumentado numa área ou ter diminuído na outra. Vai continuar tendo, ou pior, vão aumentar os eventos extremos.

O que a gente pode fazer em relação a isso? Nós temos duas maneiras: mitigação e adaptação. Mitigação implica reduzir os efeitos que causam essas mudanças. Reduzir emissões de gás. Aí teria que trabalhar com a mudança na matriz energética, o que é complexo, é difícil de fazer, mas é necessário.

Ao mesmo tempo, nós temos as questões de adaptação, ou seja, medidas para que a gente, ocorrendo esses eventos, reduza os danos. E aí a gente tem medidas que podem ser estruturais ou não estruturais.

Medidas estruturais, aquelas que envolvem obras; medidas não estruturais, aquelas que envolvem, principalmente, planejamento de uso do solo, medidas educacionais, etc.

RISCO DE NOVA CHEIA NO RS PODE TER AUMENTADO

A probabilidade de ocorrência continua existindo. O fato de ter ocorrido em **2024** não significa que não tem possibilidade em **2025**. A probabilidade continua sendo pequena, mas existe. Pequena em termos. Um em mil não é pequeno. Não é pequeno.

Agora, tem que recalcular. Faz **80 anos** que aconteceu. Talvez não seja um em mil, talvez seja um em cem. Talvez a probabilidade seja de um por cento, não de um por mil.

Agora, tem que recalcular. Faz **80 anos** que aconteceu. Talvez não seja um em mil, talvez seja um em cem. Talvez a probabilidade seja de um por cento, não de um por mil.

Nós vamos ter que repensar porque, para fazer essas análises, a gente pensava que o sistema era estacionário. Ou seja, que ele mantinha um tipo. Agora, a gente já sabe que ele é não estacionário.

“O RIO GRANDE DO SUL VAI SOFRER COM ESTIAGENS E CHEIAS CADA VEZ COM MAIOR FREQUÊNCIA.”

Mas, em **125 anos** de observações, ocorreu duas vezes. Isso nos mostra que pode ocorrer de novo. **Quando?** Eu não sei.

Agora, eventos extremos, não tão extremos como esse, mas eventos extremos a cada ano estão se tornando mais frequentes e mais intensos. E isso é uma certeza. A menos que a gente consiga reverter o processo.

Mas, mesmo reduzindo as emissões, tem toda uma inércia do sistema que não pode ser vencida facilmente. Estamos falando de um processo global.

A gente não imaginava que a nossa geração fosse viver isso que está acontecendo agora. A gente imaginava que isso iria acontecer na próxima geração.

Os efeitos estão sendo muito mais rápidos do que a ciência previu. Então, nós temos que avaliar o que está acontecendo, **mas sim, o Rio Grande do Sul vai sofrer com estiagens e cheias cada vez com maior frequência.**



ACESSE A ENTREVISTA
DE JOEL GOLDENFUND
NA ÍNTEGRA PELO
QR CODE.

UNINSTITUCIONAIS

UNINSTITUCIONAIS




RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024



MIGRAÇÃO PARA FM É DESTAQUE NO 26º CONGRESSO DA AGERT

Depois de quatro anos, o Congresso Gaúcho de Rádio e Televisão voltou a ser realizado. A 26ª edição ocorreu no Tri Hotel, em Canela, reunindo associados da entidade, autoridades, expositores e radiodifusores de outros estados. O presidente da Agert, Roberto Cervo Melão, destacou o trabalho feito para que 93 emissoras gaúchas migrassem de AM para FM e informou que 77 ainda aguardavam o processo.

CLAUDINEI GIROTTI ASSUME VICE-PRESIDÊNCIA METROPOLITANA DA AGERT

O diretor-geral da Rádio Guaíba, Claudinei Girotti, tomou posse como novo vice-presidente Metropolitano da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert), durante a reunião da diretoria da entidade, em setembro de 2023. Ele substituiu Jeferson Batista Torres, representando o Grupo Record RS.

CONSELHEIRO DA ABERT APRESENTA AÇÕES EM DEFESA DA RADIODIFUSÃO

O conselheiro da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) Roberto Franco destacou ações da entidade em defesa da radiodifusão brasileira, durante o Congresso Gaúcho de Rádio e Televisão. Ele citou, entre outras, o trabalho pela desburocratização e simplificação do marco regulatório do setor, com o aprimoramento do sistema dos processos administrativos, em tramitação nos órgãos federais.

AGERT HOMENAGEIA PRESIDENTE DO CONSELHO DE COMUNICAÇÃO E EX-PRESIDENTE DO TJ

A Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT) homenageou a presidente do Tribunal de Justiça em 2023, desembargadora Iris Helena Medeiros Nogueira, por ter sido a primeira mulher a presidir o TJ. Já o 2º vice-presidente do TJ e presidente do Conselho de Comunicação Social, desembargador Antonio Vinicius Amaro da Silveira, recebeu o Troféu Microfone, por sua parceria com a mídia. Segundo o presidente da AGERT, Roberto Cervo Melão, as homenagens refletem as trajetórias e o ótimo relacionamento dessas autoridades com os veículos de comunicação social.



MINISTRO DEFENDE FORTALECIMENTO DO RÁDIO E COMBATE A FAKE NEWS

O ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, Paulo Pimenta, participou da reunião da diretoria da AGERT em Osório, no Litoral Norte. Essa foi a primeira vez que um ministro da Secom comparece ao encontro mensal da Associação. Pimenta disse que é importante fortalecer o papel do rádio e combater as fake-news.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA APONTA IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

O presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Vilmar Zanchin (MDB), foi o convidado especial da reunião da diretoria da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (AGERT). Ele destacou o Movimento pela Educação e defendeu maior número de escolas em tempo integral e reforço do ensino profissionalizante para o RS retomar a excelência na qualidade do ensino.

LÍDERES DA AGERT RECEBEM MEDALHA DO MÉRITO MUNICIPALISTA

O presidente da AGERT e vice-presidente da Abert, Roberto Cervo Melão, e o presidente do Conselho Consultivo da entidade, Paulo Sérgio Pinto, receberam a Medalha do Mérito Municipalista, concedida pela Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), durante o 41º Congresso de Municípios do RS. O presidente da Famurs, Paulinho Salerno, destacou o trabalho dos homenageados em favor dos municípios gaúchos e da radiodifusão.

TONET DEFENDE LIBERDADE DE IMPRENSA NO CONGRESSO DA AGERT

O presidente da Associação Internacional de Radiodifusão (AIR), Paulo Tonet Camargo, realizou palestra magna de abertura do Congresso Gaúcho de Rádio e Televisão, em Canela. Na sua manifestação, Tonet destacou a defesa intransigente da liberdade de imprensa e de expressão como pilar para a democracia e o bom trabalho da radiodifusão.



RESPOSTAS

RECORDE DE ASSOCIADAS PRESENTES EM AÇÕES SOCIAIS

Se em **2022** as emissoras associadas da **AGERT** se destacaram em todo o estado do Rio Grande do Sul com o recorde de mais de **R\$ 200 milhões** em mídias doadas para ações que beneficiaram suas comunidades, em **2023** um novo recorde foi batido.

Desta vez, o número inédito é na participação de associadas da **AGERT** no **RELATÓRIO SOCIAL**, que chega a **249** emissoras relatando suas atividades e campanhas para beneficiar a população de suas cidades e regiões. O valor doado por essas emissoras em mídia para as ações sociais alcançou a cifra de **R\$ 162 milhões**.

A seguir, você confere exemplos do impacto positivo e benéfico das associadas da **AGERT** no campo da Responsabilidade Social em prol da sociedade gaúcha.

Rádio Agudo mobilizada em favor da comunidade

A Rádio Agudo realizou ação em apoio à Associação de Proteção Animal (Aujude), em 2023, incluindo veiculação de spots na rádio e nas redes sociais, a fim de arrecadar fundos para a associação. Outra campanha foi a de Doação de Sangue, incentivando a comunidade a participar deste ato de solidariedade. A emissora também contribuiu para as campanhas promovidas pela Associação Hospital Agudo.

Além dessas ações, a rádio se mobilizou em duas campanhas de arrecadação de doativos para famílias em situações emergenciais. A primeira beneficiou uma família que teve sua residência atingida por um incêndio. A segunda foi para famílias afetadas pelas enchentes de setembro, com 20 dias de divulgação e cinco spots diários.



Solidariedade de Amaral Ferrador para o Vale do Taquari

A Rádio São José do Patrocínio, de Amaral Ferrador, destacou-se com campanhas de arrecadação, após o desastre natural que atingiu o Vale do Taquari, em setembro de 2023. A emissora mobilizou a comunidade, arrecadando alimentos, produtos de higiene, roupas, cobertas, água e outros itens essenciais, enviando um caminhão cheio de mantimentos para a região afetada.

A rádio também promoveu campanhas ao longo do ano, incluindo a distribuição de cestas básicas, remédios, móveis usados, materiais de construção, fraldas adultas e infantis, além do Brechó Solidário e iniciativas de ajuda animal.

Rádio Solaris visita jovem com AME e promove doações

A equipe da Rádio Solaris, de Antônio Prado, visitou Nicolas Reis Scherner, um jovem da capela São Brás, em Ipê. Ele tem Atrofia Muscular Espinhal (AME) tipo 2, depende de um respirador mecânico, e precisa de um novo aparelho. A emissora está ajudando na arrecadação do valor. Em outra ação, a Rádio Solaris apoiou voluntários e pessoas afetadas pelas enchentes de maio de 2024.



Rádio Cultura alegre Natal da APAE em Arvorezinha

A Rádio Cultura de Arvorezinha dedicou mídia, em 2023, para divulgar iniciativas como o projeto "Padrinhos Solidários da APAE", uma ação especial desenvolvida durante o Natal, que traz alegria e esperança para os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

No período natalino, cada aluno da entidade escreve uma carta ao Papai Noel e a comunidade adota essas cartas, para atender os pedidos e presentes. A emissora cobriu a entregas dos presentes, capturando momentos comoventes.



Difusora ajuda Papai Noel com presentes em Bento Gonçalves

Em 12 anos de existência, a campanha "Eu Ajudo o Papai Noel" tem se consolidado em Bento Gonçalves. Em 2023, a campanha divulgada pela Rádio Difusora arrecadou brinquedos para crianças carentes, entre 4 e 18 de dezembro.

Foram arrecadados brinquedos novos e usados em bom estado, que são doados em pontos de coleta apoiados pela rádio e seus parceiros. As doações foram direcionadas à Associação Anjos Unidos, entidade escolhida pela própria comunidade de Bento Gonçalves.



Parceria está no sangue da Tua Rádio e do Hemocs, em Caxias



A Tua Rádio São Francisco, em parceria com o Hemocentro de Caxias do Sul (Hemocs), realizou a 10ª edição da campanha "Bondade tá no sangue!", em julho do ano passado. A iniciativa visa a incentivar e conscientizar a comunidade sobre a importância da doação de sangue, órgãos, tecidos, medula óssea e aféreses.

A rádio transmitiu programas diretamente do Hemocentro, destacando a importância da doação e engajando seus ouvintes na causa. O impacto imediato da campanha foi notável, com um aumento significativo na movimentação do Hemocentro e a adesão de vários ouvintes que se tornaram doadores.

Campanha do Agasalho beneficia 69 entidades

A Tua Rádio São Francisco (79.9 FM/560 AM) e a Rádio Maisnova (98.5 FM) apoiaram a "Campanha do Agasalho" em Caxias do Sul, em maio e junho de 2023. A campanha arrecadou 253.730 peças de roupa, que foram distribuídas entre 69 entidades cadastradas na Fundação Caxias, uma das promotoras da ação.

As emissoras serviram como pontos de coleta e contribuíram na divulgação da campanha. O lançamento oficial ocorreu na Praça Dante Alighieri, em Caxias do Sul, com programação ao vivo das emissoras.



Com “Homens na Cozinha”, crianças ganham brinquedoteca em Cruz Alta



A Rádio Cruz Alta AM participou da divulgação de diversas causas sociais no ano passado, incluindo a 14ª edição do jantar "Homens na Cozinha", no dia 28 de outubro. Promovido pelo Rotary Clube, o evento teve apoio do Grupo Pilau de Comunicações, incluindo as Rádios Cruz Alta e Pop Rock.

A iniciativa reuniu diversas empresas locais, com 12 cozinhas preparando diferentes pratos para o jantar. A renda arrecadada no evento foi destinada a instituições beneficentes do município, sendo utilizada, inclusive, na construção da brinquedoteca da Casa de Acolhimento João e Maria.

Difusora 92.7 FM incentiva campanhas sociais em Palmeira das Missões

A Rádio Difusora 92.7 FM, de Palmeira das Missões, apoiou diversas causas ao longo do ano, doando mídia para a divulgação de ações como o Natal do Bem da APAE, a manutenção do Lar do Idoso São Vicente de Paulo e a Caminhada do Bem, promovida pelo Lions Clube.

Além disso, colaborou com campanhas de vacinação contra pólio e sarampo e iniciativas de conscientização, como o Maio Amarelo, para a prevenção de acidentes de trânsito; o Maio Vermelho, de prevenção à hepatite; e o Outubro Rosa, para a conscientização sobre o câncer de mama.



Grupo Bandeirantes doa mais de R\$ 25 milhões em mídia para causas sociais

O Grupo Bandeirantes de Porto Alegre, composto pela Rádio Band News, Rádio Bandeirantes e TV Band RS, destacou-se em 2023 pela contribuição em mídia doada para a divulgação de causas sociais, chegando a mais de R\$ 25 milhões. Entre as ações promovidas, estão campanhas de doação de agasalhos, incentivo à doação de órgãos e apoio a causas como o autismo e a educação.

O Grupo Bandeirantes também participou da Corrida pela Vida, da Feira do Livro e da campanha do TRE Biometria. A TV Band RS destacou-se com campanhas como a LBV - Campanha Diga Sim, e o apoio às vítimas das chuvas de setembro, além de ações voltadas para a educação, como a LBV - Campanha Educação, e para a saúde, como o IMAMA 30 Anos e o Kinder.

RBS alcança mais de 190 entidades com R\$ 63 milhões em mídia e coberturas

O Grupo RBS, composto por RBS TV, Rádio Gaúcha, Rádio 92, Rádio Atlântida, Rádio Itapema e Rádio 102.3, alcançou um valor em mídia publicitária doada à divulgação de causas sociais de mais de R\$ 63 milhões no ano passado. Os recursos beneficiaram mais de 190 entidades nas frentes social, cultural, de mercado e institucional, incluindo a Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (Aapecan) e Associação de Educação Integral.

Outro destaque foi a cobertura dos desastres climáticos, mobilizando mais de 20 equipes de jornalismo em pelo menos três ocasiões (um ciclone extratropical em junho, fortes chuvas em setembro e cheia do Guaíba em novembro) e cinco regiões (Norte, Noroeste, Serra, Vale do Taquari e Vale do Caí).

Já em Passo Fundo, onde GZH lançou nova sucursal em 2023, a Campanha do Agasalho arrecadou 5 mil peças de agasalhos, cobertores e calçados. Outra campanha que rendeu bons resultados e bateu recordes foi o Natal do Bem, uma parceria com a Rede de Bancos de Alimentos do Estado. Em 71 dias, foram arrecadados 1 milhão de quilos de alimentos, o equivalente a 3,2 milhões de refeições, com 289 mil pessoas atendidas.



SBT Porto Alegre doa R\$ 8,5 milhões em mídia e apoia profissionais afetados por enchentes

A TV SBT de Porto Alegre destinou R\$ 8,493 milhões em mídia para a divulgação de causas sociais ao longo de 2023. Já o tradicional evento comemorativo do Dia do Mídia de 2024 foi substituído por um apoio direcionado aos colegas do mercado afetados pelas recentes enchentes no Rio Grande do Sul.

Em parceria com a Associação Riograndense de Propaganda (ARP) e o Grupo de Atendimento e Veículos (GAV), o SBT mapeou 22 profissionais do mercado gaúcho impactados pela tragédia e se comprometeu a destinar R\$ 44 mil para a ARP, que fará a distribuição do valor entre os afetados.

Rádio Integração comemora 45 anos com Mateada Show em Restinga Sêca

Em 2023, a Rádio Integração 98.5 FM celebrou seu 45º aniversário promovendo, no dia 3 de dezembro, uma grande Mateada Show, que reuniu diversos artistas do cenário musical, colaboradores e comunicadores da emissora, além de ouvintes e parceiros.

No evento, com entrada gratuita, as entidades assistenciais de Restinga Sêca puderam angariar fundos com a venda de alimentos e bebidas. As entidades beneficiadas foram a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), Casa do Idoso Marino Lovato, Rotary e Lions Club. Essas entidades também receberam espaços de mídia na programação da rádio, possibilitando a divulgação de suas ações.





Rádio Querência realiza blitz solidária em Santo Augusto

A Rádio Querência realizou uma blitz solidária para arrecadação de doações aos atingidos pelas enchentes no Rio Grande do Sul. A ação ocorreu em setembro de 2023, no dia do aniversário de 35 anos da emissora.

Durante o dia, a equipe da emissora esteve na Praça Pompílio Silva, em Santo Augusto, recebendo doações da comunidade. A ação resultou em um caminhão e uma camionete de roupas, calçados, forros de cama, alimentos e produtos de higiene e limpeza, totalizando em torno de duas toneladas. Todas as doações foram destinadas à Defesa Civil do Estado para encaminhamento às famílias necessitadas.

Rádio Mais FM marca presença com apoio à cidadania em Santa Rosa

Ao longo de 2023, a Rádio Mais FM apoiou inúmeras ações sociais lideradas por entidades sem fins lucrativos, ONGs e clubes de serviço em Santa Rosa. Entre eles, Lions, Rotary Club, Liga de Combate ao Câncer, Cruz Vermelha e Hemocentro.

A Mais FM também apoiou shows, peças teatrais e espetáculos diversos, além de feiras em Santa Rosa e cidades da região. A programação da emissora também abordou campanhas para arrecadar recursos destinados a tratamentos de pacientes que são ouvintes da rádio.



Rádios FM 91 e Taquara doam mídia e ampliam apoio nas enchentes

A Rádio FM 91 e a Rádio Taquara desenvolveram diversas campanhas comunitárias em apoio a entidades do Vale do Paranhana, promovendo eventos beneficentes e outras ações. Entre as entidades apoiadas estão a Apae, o Lar Padilha, o hospital local, e a ONG Vida Breve.

Durante as enchentes de 2023, a FM 91 e a Rádio Taquara ampliaram a divulgação de spots sobre arrecadações de alimentos, roupas, kits de higiene e limpeza, entre outros itens, obtendo milhares de doações para vítimas das enchentes no Vale do Taquari.

Cidade Canção FM mobiliza ações para atingidos por tornado

A Rádio Cidade Canção FM, de Três de Maio, liderou uma campanha de doações, mobilizando recursos e solidariedade para ajudar os afetados pelo tornado que atingiu Sede Nova em julho do ano passado.

Além disso, a Rádio Cidade Canção promoveu um evento solidário em Três de Maio para as vítimas das enchentes, arrecadando mais de R\$ 30 mil, que foram convertidos em cestas básicas para famílias necessitadas.





Rádio Tupã abre espaços para comércio local

A Rádio Tupã ajudou a comunidade de Tupanciretã, em 2023, com o programa “Ofertão”, oferecendo espaço gratuito para a divulgação de negócios locais, e o programa “Variedades Tupã”, com espaço para debates de diversos assuntos, a fim de atender entidades sem fins lucrativos nas suas campanhas.

Em setembro, a emissora intensificou a divulgação sobre as enchentes no Vale do Taquari e apoiou campanhas em prol dos afetados. Também foram disponibilizados espaços para entidades sociais sem fins lucrativos, como a APAE, Rotary, Projeto Pescar, e o Hospital de Caridade Brasilina Terra, entre outras.



Projeto Semeando o Futuro reúne 600 alunos em Venâncio Aires

Em 2023, a Rádio Venâncio Aires lançou o projeto "Semeando o Futuro", durante a Semana do Meio Ambiente, com o objetivo de educar crianças sobre a importância da preservação ambiental de uma forma divertida e interativa.

O projeto incluiu a visita a escolas, onde as crianças participaram do jogo de tabuleiro gigante "Trilha Ecológica" e de um quiz de perguntas e respostas. Cerca de 600 alunos participaram das atividades, demonstrando entusiasmo e comprometimento com a causa.





Domingo mágico no "Natal Mais Que Especial Vila Palanque"

A equipe da Rádio Venâncio Aires e a comunidade São Martinho celebraram mais uma vez a chegada do papai Noel com as crianças do 6º Distrito. O evento, que evoluiu ao longo dos anos e hoje se chama "Natal Mais Que Especial Vila Palanque", teve atividades coordenadas pela equipe da RVA. As crianças se divertiram com brinquedos infláveis, receberam lanches gratuitos e tiveram a chance de concorrer a diversos prêmios.



UNIFORMES

O RÁDIO NÃO PAROU NA TRAGÉDIA, A SOLIDARIEDADE TAMBÉM NÃO

Durante a tragédia que atingiu o Rio Grande do Sul, a AGERT lançou campanha mostrando que, em meio a toda a catástrofe, uma coisa que não parou foi o rádio.

Não apenas porque o rádio se manteve como um veículo de informação e utilidade pública, mas também porque esteve presente, mobilizando comunidades e promovendo ações de ajuda aos desabrigados.

E as iniciativas de solidariedade se espalharam pelas ondas das mais diferentes emissoras de radiodifusão das associadas da AGERT, resultando em benefícios e socorro aos necessitados.

Veja algumas destas ações:



UCS e UCSfm mobilizadas para ajudar vítimas das enchentes

Nos meses de maio e junho, diante da tragédia climática que atingiu boa parte do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul e a UCSfm se tornaram pontos de coleta de doativos para as vítimas das enchentes. Nesse período, equipes se mobilizaram para o recebimento, triagem e encaminhamento das doações, que chegaram a aproximadamente 10 caminhões com doativos.

Também foram executadas ações em redes sociais, no site e na programação, engajando e incentivando a audiência a doar não somente bens, mas também a disponibilizar tempo para ajudar os necessitados. Com as doações e o auxílio da mão de obra da comunidade e de funcionários da UCSfm e da UCS, foram preparados e distribuídos mais de 150 mil sanduíches e 3,5 mil cobertores.



Rádio Caxias mobiliza doações e auxílio durante enchentes

Em um dos momentos mais críticos da história do Estado, a Rádio Caxias transmitiu o programa Campo Neutro diretamente de Galópolis, a área mais afetada pelas enchentes em Caxias do Sul. A emissora se mobilizou para ajudar na arrecadação de doações e informar a população sobre a situação no local mais atingido do município. Durante a cobertura, a Rádio Caxias entrevistou voluntários, entidades e pessoas atingidas pelas fortes chuvas, além de transmitir boletins diretamente dos locais que recebiam os desabrigados.

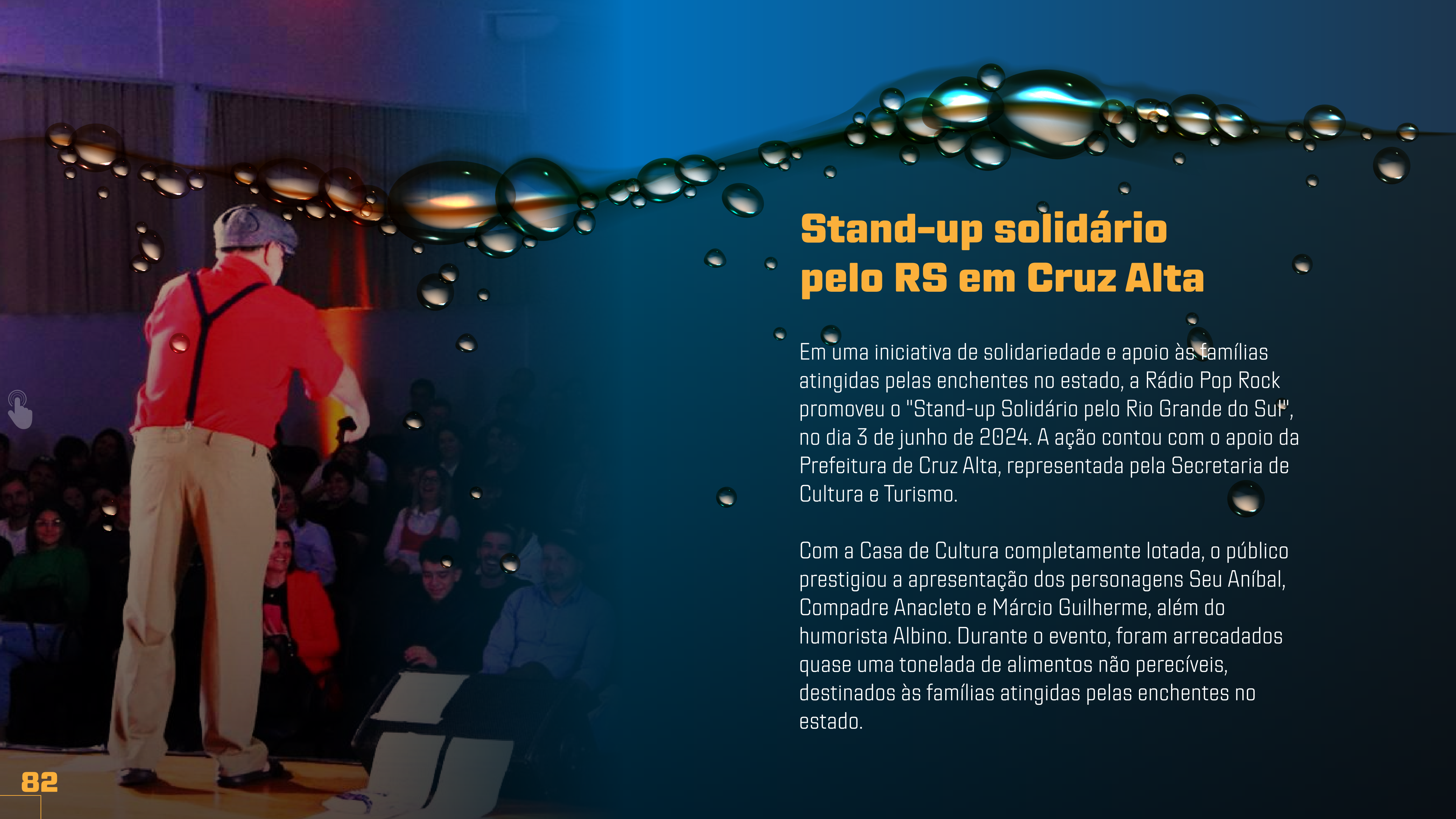


Grupo RVA supera inundação e presta socorro à comunidade

O Grupo RVA desempenhou um papel crucial na enchente de maio de 2024, servindo como um canal vital para os moradores de Venâncio Aires e região. Mesmo com o parque de transmissão submerso por quatro dias, a emissora manteve uma programação jornalística, em cadeia com a Rádio Venus FM.

Com repórteres nos locais de resgate, a emissora se tornou um dos principais canais para quem solicitava ajuda. Como muitas linhas da Defesa Civil estavam congestionadas, as famílias entraram em contato com a rádio para pedir socorro, o que levou a equipe a auxiliar diretamente nos resgates.

O Grupo RVA também atuou como elo entre a população afetada pelas cheias e aqueles que queriam ajudar, centralizando doações no Pavilhão São Sebastião Mártir, coordenando a logística de ajuda e fornecendo informações contínuas por meio das páginas do Portal RVA nas redes sociais



Stand-up solidário pelo RS em Cruz Alta

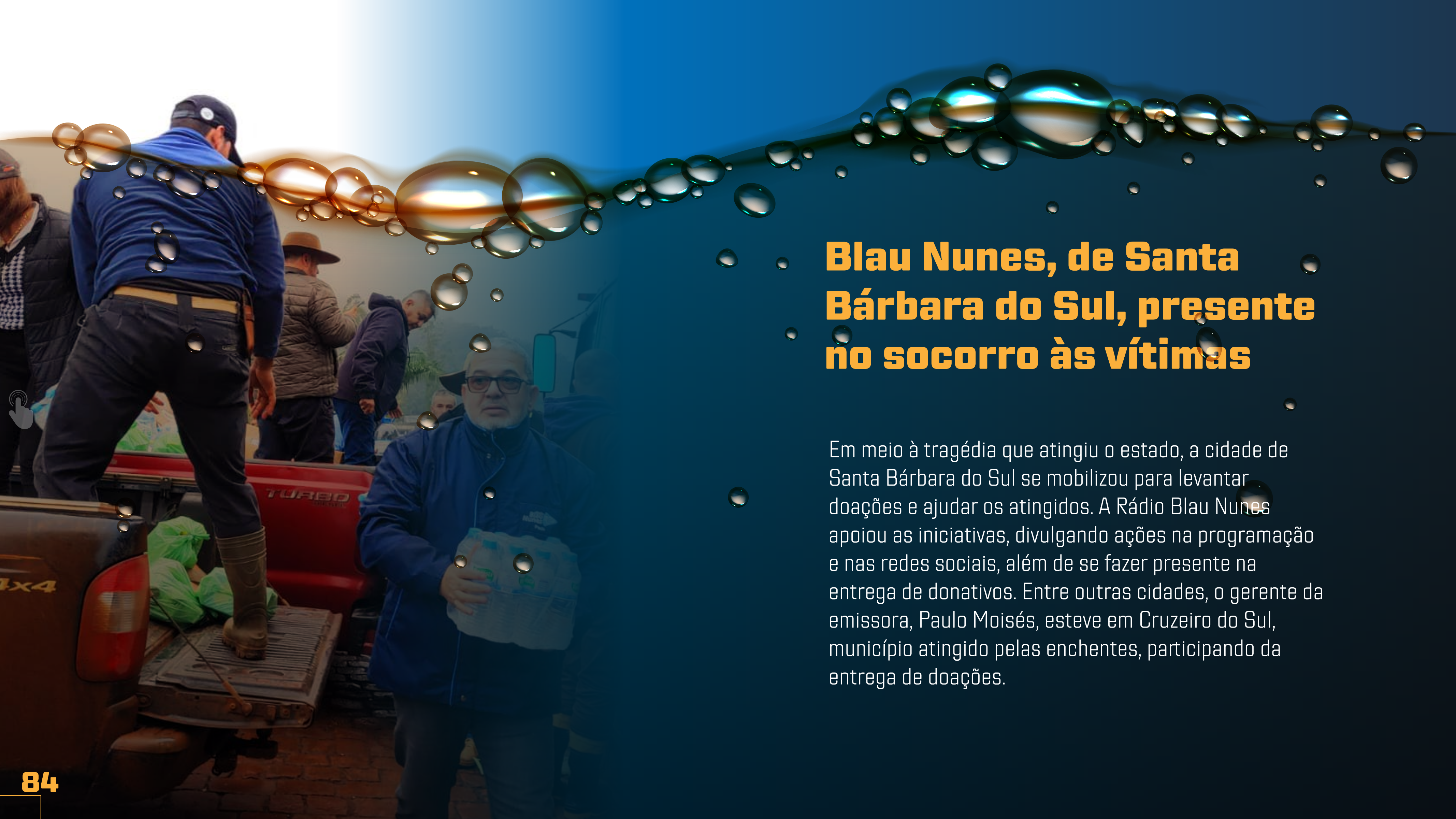
Em uma iniciativa de solidariedade e apoio às famílias atingidas pelas enchentes no estado, a Rádio Pop Rock promoveu o "Stand-up Solidário pelo Rio Grande do Sul", no dia 3 de junho de 2024. A ação contou com o apoio da Prefeitura de Cruz Alta, representada pela Secretaria de Cultura e Turismo.

Com a Casa de Cultura completamente lotada, o público prestigiou a apresentação dos personagens Seu Aníbal, Compadre Anacleto e Márcio Guilherme, além do humorista Albino. Durante o evento, foram arrecadados quase uma tonelada de alimentos não perecíveis, destinados às famílias atingidas pelas enchentes no estado.



Cidade Canção apoia arrecadação de cestas básicas em Três de Maio

A Rádio Cidade Canção apoiou fortemente um evento solidário e comunitário em Três de Maio para as vítimas das enchentes, que resultou na arrecadação de mais de R\$ 34 mil, convertidos em cestas básicas para famílias necessitadas. Essas e muitas outras ações exemplificam o comprometimento da estação em promover o bem-estar e a solidariedade em sua comunidade.



Blau Nunes, de Santa Bárbara do Sul, presente no socorro às vítimas

Em meio à tragédia que atingiu o estado, a cidade de Santa Bárbara do Sul se mobilizou para levantar doações e ajudar os atingidos. A Rádio Blau Nunes apoiou as iniciativas, divulgando ações na programação e nas redes sociais, além de se fazer presente na entrega de donativos. Entre outras cidades, o gerente da emissora, Paulo Moisés, esteve em Cruzeiro do Sul, município atingido pelas enchentes, participando da entrega de doações.



DIRETORIA

PER 2023/2024

2023/2024

DIRETORIA AGERT – Gestão 2023 / 2024

Presidente: Roberto Cervo Melão

Vice-Presidentes:

Vice-Presidente Administrativo: Pedro Ricardo Hipp Germano

Vice-Presidente de Capacitação: Myrna Ruth Castro Proença

Vice-Presidente de Eventos: Lisiane Plentz Russo

Vice-Presidente de Finanças: Wanderley Ruivo dos Santos

Vice-Presidente de Marketing: Marco Gomes

Vice-Presidente Informática e Novas Tecnologias:

Vice-Presidente Jurídico: Débora Dalcin Rodrigues

Vice-Presidente Litoral Norte: Thanain Farias Ribeiro

Vice-Presidente Litoral Sul: Renato Gatti Albuquerque

Vice-Presidente Regional Centro: Cláudio Zappe

Vice-Presidente Regional Fronteira: Kamal Zuheir Badra

Vice-Presidente Regional Metropolitano: Claudinei Girotti

Vice-Presidente Regional Missões: Robriane Raguzzoni Loureiro

Vice-Presidente Regional Planalto: Gerson Pont

Vice-Presidente Regional da Serra: Alceu Ferronato

Vice-Presidente Regional Vale do Jacuí: Gilmar Uhry

Vice-Presidente Relações Governamentais/Mercado: Marcos Dytz Piccoli

Vice-Presidente Social: José Luis Bonamigo

Vice-Presidente Técnico e Normas: Alessandro Bonamigo Heck

Diretores:

Diretor Administrativo: Miguel Puretz Neto

Diretor de Capacitação: Edison Lopes de Bem

Diretor de Conteúdo: Luciano Hintz Mallmann

Diretor de Expansão: Antonio Alberto Lucca

Diretor de Inovação: Luis Carlos Dhiel

Diretor de Integração: Sebastião Ribeiro Neto

Diretor do Interior: Vérdi Ubiratan de Moura

Diretor de Marketing: Luis Fernando dos Santos Cardoso

Diretor de Mercado: Sandro Padilha

Diretora de Novas Tecnologias: Leonardo Milano Persigo

Diretor de Normas Técnicas: Nilson Vargas

Diretor de Produtividade: Martinho Francisco

Diretor de Relações Institucionais: Eloy Milton Scheibe

Diretora Social: Marcos Romualdo dos Santos

Diretor de Qualidade: Marco Andre Maciel

Diretor Técnico: Carlos Domingos Piccoli

Diretor de Redes Sociais: Marcio Frozza

Conselho Consultivo:

Presidente: Paulo Sérgio Pinto

Afonso Antunes da Mota

Alexandre Alvares Gadret

Fernando Ernesto Corrêa

Gildo Milmann

Otavio Dumit Gadret

Ricardo Ferro Gentilini

Conselho Fiscal Efetivo:

Presidente: Marcia Tomazini Pagamin

Conselheiro: Alcides Zappe

Conselheiro: Luis Badalotti

Conselho Fiscal Suplente:

Conselheiro: Adenor Chrestani

Conselheiro: Fidêncio Fábio Fabris

Conselheiro: Jocelei Luiz Consalter

Flores

UNASSOCIADAS



RELATÓRIO
SOCIAL
AGERT
2024

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO AGUDO	90.1 MHz	FM	AGUDO
RÁDIO MINUANO	97.5 MHz	FM	ALEGRETE
RÁDIO NATIVA	105.9 MHz	FM	ALEGRETE
RÁDIO PONTO	89.1 MHz	FM	ALPESTRE
RÁDIO SÃO JOSÉ DO PATROCÍNIO	92.3 MHz	FM	AMARAL FERRADOR
RÁDIO CULTURA	105.5 MHz	FM	ANTA GORDA
RÁDIO SOLARIS	97.3 MHz	FM	ANTÔNIO PRADO
RÁDIO SOLARIS	101.7 MHz	FM	ANTÔNIO PRADO
RÁDIO ARATIBA	900 KHz	AM	ARATIBA
RÁDIO EMOÇÃO	90,1 MHz	FM	ARROIO DO MEIO
RÁDIO DIFUSORA	106,3 MHz	FM	ARROIO GRANDE
RÁDIO CULTURA	103.1 MHz	FM	ARVOREZINHA
RÁDIO CULTURA	92.3 MHz	FM	ARVOREZINHA
RÁDIO ANTENA 1	90.9 MHz	FM	BAGÉ
RBS TV	Canal 6	TV	BAGÉ
RÁDIO DIFUSORA	890 KHz	AM	BENTO GONÇALVES
RÁDIO JOVEM PAN SERRA GAÚCHA	92.5 MHz	FM	BENTO GONÇALVES
RÁDIO RAINHA	90.9 MHz	FM	BENTO GONÇALVES
RÁDIO BENTO	1070 KHz	AM	BENTO GONÇALVES
RADIO UCS	89.9 MHz	FM	BENTO GONÇALVES

EMISSORA FREQUÊNCIA CATEGORIA CIDADE

RÁDIO CACHOEIRA	94.7 MHz	FM	CACHOEIRA DO SUL
RÁDIO FANDANGO	102.5 MHz	FM	CACHOEIRA DO SUL
RÁDIO FANDANGO	89.5 MHz	FM	CACHOEIRA DO SUL
RÁDIO GVC	106.1 MHz	FM	CACHOEIRA DO SUL
RÁDIO VALE	99.1 MHz	FM	CACHOEIRA DO SUL
RÁDIO METRÓPOLE	1570 KHz	AM	CACHOEIRINHA
RÁDIO REGIONAL	91.7 MHz	FM	CACIQUE DOBLE
RÁDIO CAIBATÉ	95.3 MHz	FM	CAIBATÉ
RÁDIO ACÚSTICA	97.7 MHz	FM	CAMAQUÃ
RÁDIO ATIVA	90.5 MHz	FM	CAMPINA DAS MISSÕES
RÁDIO CINDERELA	810 KHz	AM	CAMPO BOM
RÁDIO PRINCESA	100,3 MHz	FM	CANDELÁRIA
RÁDIO SORRISO	104.3 MHz	FM	CANDELÁRIA
RÁDIO CAPÃO	90.7 MHz	FM	CAPÃO DA CANOA
RÁDIO GAZETA	100.3 MHz	FM	CARAZINHO
RÁDIO GAZETA	670 KHz	AM	CARAZINHO
TV PAMPA NORTE	Canal 9	TV	CARAZINHO
RÁDIO ESTAÇÃO	89.5 MHz	FM	CARLOS BARBOSA
RÁDIO ÁGUAS CLARAS	1250 KHz	FM	CATUÍPE
RÁDIO ATLÂNTIDA	105.7 MHz	FM	CAXIAS DO SUL

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO CIDADE CAXIAS
RÁDIO GAÚCHA SERRA
RÁDIO MAISNOVA
RÁDIO TUA RÁDIO SÃO FRANCISCO
RADIO UCS
RBS TV (CAXIAS DO SUL)
REDE CNT RS
RÁDIO CERRO AZUL
RÁDIO SHAMBALLA
RÁDIO SIMPATIA
RÁDIO SIMPATIA
RÁDIO CIRANDA
RÁDIO CIDREIRA
RÁDIO ATLÂNTICA
RÁDIO CRUZ ALTA
RÁDIO NOVA INDEPENDENTE
RÁDIO POP ROCK
RBS TV (CRUZ ALTA)
RÁDIO AMIZADE
RÁDIO SULINA

930 KHz
102.7 MHz
98.5 MHz
560 KHz
106.5 Mhz
Canal 8
CANAL 31.1
1190 KHz
105.9 MHz
106.7 MHz
91.7 MHz
105.5 MHz
91.3
98.5 MHz
1140 MHz
830 KHz
105.1 MHz
Canal 3
107.3 MHz
1530 KHz

AM
FM
FM
AM
FM
TV
TV
AM
FM
FM
FM
FM
FM
AM
AM
FM
TV
FM
AM

CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CAXIAS DO SUL
CERRO LARGO
CERRO LARGO
CHAPADA
CHAPADA
CHIAPETTA
CIDREIRA
CONSTANTINA
CRUZ ALTA
CRUZ ALTA
CRUZ ALTA
CRUZ ALTA
CRUZ ALTA
DAVID CANABARRO
DOM PEDRITO

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO ENCANTADO	1580 KHz	AM	ENCANTADO
RÁDIO ENCANTO	100.1 MHz	FM	ENCANTADO
RÁDIO DIFUSÃO	650 KHz	AM	ERECHIM
RÁDIO DIFUSÃO	94,9 MHz	FM	ERECHIM
RÁDIO VIRTUAL	104.7 MHz	FM	ERECHIM
RBS TV (ERECHIM)	Canal 2	TV	ERECHIM
RÁDIO AVENIDA	106.5 MHz	FM	ERVAL SECO
RÁDIO ESTAÇÃO	103,1 MHz	FM	ESTAÇÃO
RÁDIO MIRIAM CARAVAGGIO	1160 KHz	AM	FARROUPILHA
RÁDIO ESPAÇO	100,9 MHz	FM	FARROUPILHA
RÁDIO VIVA	94.5 MHz	FM	FARROUPILHA
RÁDIO LA SORELLA	90.9 MHz	FM	FAXINAL DO SOTURNO
RÁDIO SÃO ROQUE	103.9 MHz	AM	FAXINAL DO SOTURNO
RÁDIO VALE	96.3 MHz	FM	FELIZ
RÁDIO AMIZADE	89.1 MHz	FM	FLORES DA CUNHA
RÁDIO MÃE DE DEUS	1370 KHz	AM	FLORES DA CUNHA
RÁDIO SOLARIS	99.1 MHz	FM	FLORES DA CUNHA
RÁDIO CULTURA	96.5 MHz	FM	FONTOURA XAVIER
RÁDIO CHIRÚ	91.1 MHz	FM	FREDERICO WESTPHALEN
RÁDIO LUZ E ALEGRIA	1160 KHz	AM	FREDERICO WESTPHALEN

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO LUZ E ALEGRIA	95.9 MHz	FM	FREDERICO WESTPHALEN
RÁDIO MAISNOVA	88,1 MHz	FM	GARIBALDI
RÁDIO TUA RÁDIO GARIBALDI	101.5 MHz	FM	GARIBALDI
RÁDIO GAURAMA	1260 KHz	FM	GAURAMA
RÁDIO 98 FM	98,1 MHz	FM	GETÚLIO VARGAS
RÁDIO SIDERAL	700 KHz	FM	GETÚLIO VARGAS
RÁDIO GIRUÁ	1090 KHz	FM	GIRUÁ
RÁDIO VERDES CAMPOS	89.7 MHz	FM	GRAMADO
RÁDIO AURORA	107.1 MHz	FM	GUAPORÉ
RÁDIO LIBERAL	102,1 MHz	FM	GUAPORÉ
RÁDIO GUARAMANO	98.1 MHz	FM	GUARANI DAS MISSÕES
RÁDIO ALTO URUGUAI	106.1 MHz	FM	HUMAITÁ
RÁDIO CRISTALINA	89.3 MHz	FM	IBIAÇÁ
RÁDIO IBIRUBÁ	1240 KHz	AM	IBIRUBÁ
RÁDIO IGUATEMI	101,5 MHz	FM	IJUÍ
RÁDIO JORNAL DA MANHÃ	1370 KHz	AM	IJUÍ
RÁDIO MUNDIAL	96.5 MHz	FM	IJUÍ
RÁDIO PROGRESSO DE IJUÍ	92.1 MHz	FM	IJUÍ
RÁDIO REPÓRTER	93.9 MHz	FM	IJUÍ
RÁDIO IMBÉ	101.5 MHz	FM	IMBÉ

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO MARABÁ	1080 KHz	AM	IRAÍ
RÁDIO 14 DE JULHO	107.7 MHz	FM	JÚLIO DE CASTILHOS
RÁDIO ITAPUÃ	103,1 MHz	FM	JÚLIO DE CASTILHOS
RÁDIO CLUB	96.7 MHz	FM	MACHADINHO
RÁDIO MAISNOVA	94.7 MHz	FM	MARAU
RÁDIO TUA RÁDIO ALVORADA	107.7 MHz	FM	MARAU
RÁDIO SALETTE	100.3 MHz	FM	MARCELINO RAMOS
RÁDIO ARAUTO	90.5 MHz	FM	MATO LEITÃO
RÁDIO JOVEM PAN GRANDE PORTO ALEGRE	90.7 MHz	FM	MONTENEGRO
RÁDIO CERES	1440 KHz	AM	NÃO-ME-TOQUE
RÁDIO POSITIVA	90.9 MHz	FM	NÃO-ME-TOQUE
RÁDIO IMPERIAL	104.5 MHz	FM	NOVA PETRÓPOLIS
RÁDIO MASSA	103,3 MHz	FM	NOVA PRATA
RÁDIO PRATA	1230 KHz	AM	NOVA PRATA
RÁDIO 88.7 FM	88,7 MHz	FM	NOVO HAMBURGO
RÁDIO ALEGRIA	92.9 MHz	FM	NOVO HAMBURGO
RÁDIO FELICIDADE	90.3 MHz	FM	NOVO HAMBURGO
RÁDIO OSÓRIO	106.9 MHz	FM	OSÓRIO
RÁDIO DIFUSORA	92.7 MHz	FM	PALMEIRA DAS MISSÕES
RÁDIO CHIRU	104.3 MHz	FM	PALMITINHO

EMISSORA FREQUÊNCIA CATEGORIA CIDADE

RÁDIO CHIRU	107.9 MHz	FM	PALMITINHO
RÁDIO SULBRASILEIRA	1320 KHz	AM	PANAMBI
RÁDIO 89.1 FM	89.1 MHz	FM	PAROBÉ
RÁDIO ATLÂNTIDA	97.1 MHz	FM	PASSO FUNDO
RÁDIO PLANALTO	105.9 MHz	FM	PASSO FUNDO
RÁDIO PLANALTO NEWS	92.1 MHz	FM	PASSO FUNDO
RÁDIO UPF	99.9 MHz	FM	PASSO FUNDO
RBS TV	Canal 7	TV	PASSO FUNDO
RÁDIO ATLÂNTIDA	95.3 MHz	FM	PELOTAS
RÁDIO MAISNOVA	94.5 MHz	FM	PELOTAS
RBS TV	Canal 4	TV	PELOTAS
TV PAMPA	Canal 13	TV	PELOTAS
RÁDIO NATIVA	94.1 MHz	FM	PIRATINI
RÁDIO AMETISTA	88.5 MHz	FM	PLANALTO
RÁDIO 102.3 FM	102.3 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO 104 FM	104.1 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO 92 FM	92.1 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO ALIANÇA	106.3 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO ATLÂNTIDA	94.3 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO BAND NEWS	99.3 MHz	FM	PORTO ALEGRE



EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO BANDEIRANTES	94.9 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO CAIÇARA	96.7 KHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO CONTINENTAL	98.3 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO GAÚCHA	600 KHz	AM	PORTO ALEGRE
RÁDIO GAÚCHA	93.7MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO GRENAL	95.9 MHz	FM	PORTO ALEGRE
RÁDIO GUAÍBA	720 KHz	AM	PORTO ALEGRE
RÁDIO PAMPA	97.5	FM	PORTO ALEGRE
RBS TV	Canal 12	TV	PORTO ALEGRE
SBT	Canal 5	TV	PORTO ALEGRE
TV BANDEIRANTES	Canal 10	TV	PORTO ALEGRE
TV PAMPA	Canal 4	TV	PORTO ALEGRE
TV RECORD	Canal 2	TV	PORTO ALEGRE
RÁDIO NAVEGANTES	1360 KHz	FM	PORTO LUCENA
RÁDIO EMOÇÃO	92.7 MHz	FM	PROGRESSO
RÁDIO SALAMANCA	101.3 MHz	FM	QUARAÍ
RÁDIO 97.7 NOSSA	97.7 MHz	FM	RESTINGA SECA
RÁDIO INTEGRAÇÃO	98.5 MHz	FM	RESTINGA SECA
RÁDIO ANTENA 1 ZONA SUL	91.1 MHz	FM	RIO GRANDE
RÁDIO GAÚCHA ZONA SUL	102.1 MHz	FM	RIO GRANDE

EMISSORA FREQUÊNCIA CATEGORIA CIDADE

RÁDIO NATIVA ZONA SUL	104.7 MHz	FM	RIO GRANDE
RÁDIO OCEANO	97.1 MHz	FM	RIO GRANDE
RBS TV	Canal 9	TV	RIO GRANDE
RÁDIO ONDA	97.7 Mhz	FM	ROCA SALES
RÁDIO UNIVERSAL	102.9 MHz	FM	RODEIO BONITO
RÁDIO MARAJÁ	660 KHz	AM	ROSÁRIO DO SUL
RÁDIO GERAÇÃO	107.1 MHz	FM	SALTO DO JACUÍ
RÁDIO MEGA	95.5 MHz	FM	SANANDUVA
RÁDIO SANANDUVA	97,7 MHz	FM	SANANDUVA
RÁDIO BLAU NUNES	97.9 MHz	FM	SANTA BÁRBARA DO SUL
RÁDIO ATLÂNTIDA	93.3 MHz	FM	SANTA CRUZ DO SUL
RÁDIO GAZETA	101,7 MHz	FM	SANTA CRUZ DO SUL
RÁDIO GAZETA	107.9 MHz	FM	SANTA CRUZ DO SUL
RÁDIO SANTA CRUZ	550 KHz	AM	SANTA CRUZ DO SUL
RBS TV	Canal 6	TV	SANTA CRUZ DO SUL
RÁDIO ATLÂNTIDA	94.3 MHz	FM	SANTA MARIA
RÁDIO GAÚCHA	105.7 MHz	FM	SANTA MARIA
RÁDIO IMEMBUÍ	101.9 MHz	AM	SANTA MARIA
RÁDIO MEDIANEIRA	100.9 MHz	FM	SANTA MARIA
RÁDIO MEDIANEIRA	102.7 MHz	FM	SANTA MARIA

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO NATIVA	99.5 MHz	FM	SANTA MARIA
RBS TV	Canal 12	TV	SANTA MARIA
TV PAMPA CENTRO	Canal 4	TV	SANTA MARIA
RÁDIO GUAÍRA	97.7 MHz	FM	SANTA ROSA
RÁDIO NOROESTE	96.7 MHz	FM	SANTA ROSA
RBS TV	Canal 6	TV	SANTA ROSA
RÁDIO 93 MAIS LÍDER FM	93.1 MHz	FM	SANTANA DO LIVRAMENTO
RÁDIO BAND FM	96,1 MHz	FM	SANTANA DO LIVRAMENTO
RÁDIO MARATAN	107.9 MHz	FM	SANTANA DO LIVRAMENTO
RÁDIO RCC	95.3 MHz	FM	SANTANA DO LIVRAMENTO
RÁDIO NOVA	99.3 MHz	FM	SANTIAGO
RÁDIO SANTIAGO	1230 KHz	FM	SANTIAGO
RÁDIO SANTO ÂNGELO	930 KHz	AM	SANTO ÂNGELO
RÁDIO ITAPUÍ	1003 KHz	FM	SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA
RÁDIO QUERÊNCIA	89.7 MHz	FM	SANTO AUGUSTO
RÁDIO MAIS	101.7 MHz	FM	SANTO CRISTO
RÁDIO BAND	98.3 MHz	FM	SÃO GABRIEL
RÁDIO BATOVI	700 MHz	AM	SÃO GABRIEL
RÁDIO EDUCADORA	101.1 MHz	FM	SÃO JOÃO DA URTIGA
RÁDIO POATÃ	106.5 MHz	FM	SÃO JOSÉ DO OURO

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO SÃO LOURENÇO	1190 KHz	AM	SÃO LOURENÇO DO SUL
RÁDIO MISSIONEIRA	94.9 MHz	FM	SÃO LUIZ GONZAGA
RÁDIO SÃO LUIZ	100.9 MHz	FM	SÃO LUIZ GONZAGA
RÁDIO DIPLOMATA	100.3 MHz	FM	SÃO MARCOS
RÁDIO COTRISEL	1055 KHz	FM	SÃO SEPÉ
RÁDIO MAISNOVA	93.5 MHz	FM	SARANDI
RÁDIO SARANDI	1310 KHz	AM	SARANDI
RÁDIO FORTALEZA	89.9 MHz	FM	SEBERI
RÁDIO SEBERI	97.3 MHz	FM	SEBERI
RÁDIO ROSÁRIO	89.7 MHz	FM	SERAFINA CORRÊA
RÁDIO GAZETA	98.1 MHz	FM	SOBRADINHO
RÁDIO JACUÍ	97.3 MHz	FM	SOBRADINHO
RÁDIO SOBRADINHO	1110 KHz	AM	SOBRADINHO
RÁDIO TAPEJARA	101.5 MHz	FM	TAPEJARA
RÁDIO CULTURA	1380 KHz	AM	TAPERA
RÁDIO FM 91	91.1 MHz	FM	TAQUARA
RÁDIO TAQUARA	1490 KHz	AM	TAQUARA
RÁDIO PROVÍNCIA	100.7 MHz	FM	TENENTE PORTELA
RÁDIO GERMÂNIA	88.3 MHz	FM	TEUTÔNIA
RÁDIO POPULAR	96.9 MHz	FM	TEUTÔNIA

EMISSORA

FREQUÊNCIA

CATEGORIA

CIDADE

RÁDIO ATLÂNTIDA	104.7 MHz	FM	TRAMANDAÍ
RÁDIO CIDADE CANÇÃO	102.3 MHz	FM	TRÊS DE MAIO
RÁDIO COLONIAL	94.7 MHz	FM	TRÊS DE MAIO
RÁDIO ALTO URUGUAI	92.5 MHz	FM	TRÊS PASSOS
RÁDIO DIFUSORA CELEIRO	1350 KHz	AM	TRÊS PASSOS
RÁDIO CLUBE UM	92.5 MHz	FM	TUPANCIRETÃ
RÁDIO TUPÃ	97.1 MHz	FM	TUPANCIRETÃ
RÁDIO CHARRUA	95.1	FM	URUGUAIANA
RÁDIO CHARRUA	97,7 MHz	FM	URUGUAIANA
RBS TV	Canal 13	TV	URUGUAIANA
RÁDIO ESMERALDA	93.1 MHz	FM	VACARIA
RÁDIO MAISNOVA	101.5 MHz	FM	VACARIA
RÁDIO TUA RÁDIO FÁTIMA	90.5 MHz	FM	VACARIA
RÁDIO UCS	106,1 MHz	FM	VACARIA
RÁDIO TERRA	105.1 MHz	FM	VENÂNCIO AIRES
RÁDIO VENÂNCIO AIRES	910 KHz	AM	VENÂNCIO AIRES
RÁDIO VÊNUS	100.7 MHz	FM	VENÂNCIO AIRES
RÁDIO ARAUTO	95.7 MHz	FM	VERA CRUZ
RÁDIO KOM	96.1 MHz	FM	VERANÓPOLIS
RÁDIO MAISNOVA	93.9 MHz	FM	VERANÓPOLIS
RÁDIO TUA RÁDIO VERANENSE	107.5 MHz	FM	VERANÓPOLIS

GOALPARS50 AMBIENTAL CONVOCAÇÃO FINVIG